B. N. L.
16.MAI1975
DEP. LEG.

Semanário regional

JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO — DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO

ANO 16.º • SÁBADO, 3 DE FEVEREIRO DE 1973 • AVENÇA • N.º 828

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA • PROPRIEDADE — V.ª e HERD.ª DE JOSÉ BARÃO • OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 • LISBOA — TELEF. 361839 • FARO — TELEF. 22322 • AVULSO 2$00

REPORTAGEM EM FARO

O JORNAL DO ALGARVE TINHA RAZÃO: O EMISSOR REGIONAL DO SUL ESTÁ NO INÍCIO DE NOVA FASE MAIS EFICIENTE

HÁ cerca de dois meses, uma Nota de Redacção do Jornal do Algarve *referia-se ao «funcionamento» do Emissor Regional do Sul, enaltecendo a acção de dois locutores que estavam a dar uma certa vida à programação inexistente até aqui naquele posto e lamentando que as coisas tivessem chegado a tal ponto por desleixo ou incúria de responsáveis.*

Parece que certas pessoas se indignaram com as afirmações deste jornal e, para provar o contrário, o intendente do E. R. do Sul, Germano de Oliveira, enviou um convite para que um nosso representante visitasse, em qualquer altura, as instalações do Emissor e assistisse, até, à gravação de um programa. Foi precisamente o autor da tal Nota de Redacção que aceitou o convite e realizou, há cerca de um mês, essa visita. São os resultados da visita e das conversas tidas «in loco» que a seguir se descrevem.

Eu tinha-os avisado da minha chegada e todo o Emissor brilhava de brancura. Afável, à entrada, o intendente levou-me ao seu gabinete. Pequena conversa introdutória e «caímos nos braços um do outro». Imaginem os acasos do Destino: não só éramos conterrâneos, mas ainda por cima parentes.

A partir daí, a afabilidade de Germano de Oliveira transformou-se em verdadeira simpatia e amizade. Falou-me da sua entrada pa-

(Conclui na 4.ª página)

O ALGARVE POSSUI ELEMENTOS BÁSICOS PARA A INSTALAÇÃO DE UMA ALDEIA S. O. S. EM PROL DA CRIANÇA SEM LAR

O QUE é uma aldeia de crianças denominada S. O. S.? É uma obra particular de assistência, que tem por finalidade dar um lar e uma família às crianças abandonadas. As crianças que habitam a aldeia, encontram ali tudo aquilo que uma criança feliz, com um lar autêntico, pode possuir. A mãe que não tiveram, o pai que a vida lhes negou, um lar, irmãos. Não são internados num hospício. Não sentem a humilhação de estarem recolhidos por caridade. A partir do momento em que entram para a Aldeia, nada lhes é negado. Nem os horizontes de uma escola pública, nem as fronteiras do mundo que os cerca. Nada lhes é negado, porque a primeira aldeia S. O. S. do nosso País surgiu apenas graças a algumas pessoas que simplesmente tinham um admirável amor pelas crianças. Essa aldeia foi fundada há cinco anos, em Bicesse (Cascais) e a 3.ª fase da obra que lhe aumentou substancialmente as instalações foi inaugurada em Outubro de 1972, com a presença do Prof. Marcello Caetano. A Aldeia, como uma aldeia vulgar, divide-se por famílias, cada família compõe-se de 8 a 9 crianças, rapazes e raparigas de diferentes idades confiados aos cuidados de uma senhora que fará, entre eles, as vezes de mãe. As famílias S. O. S. são células autónomas integradas no seio de uma pequena comunidade. As crianças frequentam as escolas vizinhas, evitando-se assim qualquer hipótese de segregação. O chefe da aldeia representa a autoridade, a

(Conclui na 4.ª página)

O moderno hospital de S. Brás de Alportel

PLANOS DE ACTIVIDADE

O MUNICÍPIO DE S. BRÁS DE ALPORTEL CARECE DE RECURSOS PARA LEVAR AVANTE A OBRA A QUE SE PROPÕE

O PRESIDENTE do Município de S. Brás de Alportel, sr. Francisco de Sousa Correia, apresentou ao conselho municipal, que lhe deu plena aprovação, o plano de actividade e bases do orçamento para 1973, em cuja introdução diz sentir-se desencorajado pelas fracas perspectivas de realizações, devido à crise financeira que mina os alicerces da administração, «que suporta, actualmente, pesadíssimos encargos provenientes de obras de arrojada envergadura financeira, realizadas na década de 1960-1970 e que, necessàriamente, tinham que ser empreendidas, visto que delas dependia a melhoria do nível sócio-económico do concelho. O abastecimento de água e saneamento da vila e a construção do mercado municipal constituíram, com efeito, melhoramentos que requereram a mobilização de todos os recursos disponíveis e mais aqueles provenientes de empréstimos que foi necessário contrair. Evidentemente que elaborar planos de actividade nestas condições é não só pouco fácil, como principalmente muito problemático. Sem dinheiro é que nada se pode fazer.

«Devo e cumpre-me salientar (prossegue o sr. Sousa Correia) que, quando resolvi aceitar o cargo que me foi confiado, soube perfeitamente o que fiz e as dificuldades que me esperavam, pois por força das minhas anteriores funções não podia deixar de estar ao corrente das circunstâncias. Por isso o programa que trazia e tenciono manter consistirá tão só, como naturalmente se impõe, em fomentar a criação ou aumento de receitas como base estratégica para o lançamento de operações de valorização económica e social desta tão típica terra algarvia. Com efeito, uma das medidas mais prioritárias e urgentes para concretização daquele programa consistia em acarinhar e, até mesmo, patrocinar ini-

(Conclui na 5.ª página)

S. Bartolomeu de Messines espera com grande empenho a sua promoção a vila

A ALDEIA de Messines vive horas de muita alegria ao tomar conhecimento de que a justa pretensão de ser promovida a vila, apresentada à Câmara Municipal de Silves, pela Junta de Freguesia, tinha tido o desejado apoio e de que o respectivo processo vai ser enviado ao chefe do Distrito, devidamente informado, a fim de ser encaminhado para o ministro do Interior.

A Junta de Freguesia de S. Bartolomeu de Messines, interpretando os desejos e anseios dos seus naturais, consciente do alto nível do desenvolvimento sócio-económico, populacional e urbanístico e conhecedora da valiosa actividade da sua população, que dinamizou a realização de todo o seu progresso, requereu ao Governo a ascensão da freguesia à categoria de vila, solicitação que assenta em fundamentos legais e em termos de pura justiça.

Os habitantes de Messines e a sua Junta de Freguesia confiam no espírito de justiça do Governo na pessoa do ministro do Interior e ficam aguardando o deferimento da sua pretensão, que se ajusta seguramente às realidades locais.

JANELA DO MUNDO

pelo dr MATEUS BOAVENTURA

O PREÇO DA PAZ À CUSTA DA GUERRA

ACABOU a guerra na Indochina? Um quarto de século de luta sem quartel, primeiro para libertação do colonialismo francês, depois para esclarecimento de posições políticas.

Esta segunda fase, entre os dois Vietnames, demorou quase dez anos e foi sem dúvida uma das lutas mais cruéis e desesperadas dos últimos tempos. As estatísticas dizem que morreram no campo de batalha mais de dois milhões de militares e civis. Mas quantos feridos e refugiados?

A população do Vietname do Sul, calculada no início da guerra em dezassete milhões de pessoas, está reduzida e sem lar em grande parte. Parece que há mais de seis milhões de refugiados. Agora será necessário conseguir o mais difícil: ganhar a Paz!

Mas que espécie de Paz? Por enquanto, não é fácil sabê-lo, pois até aqui os dirigentes de Washington, Saigão e Hanoi têm desejado coisas diferentes. O acordo final veio de repente, após muitos meses de projectos e contraprojectos, hesitações e desentendimentos. Só a partir da assinatura do armistício, se começou a pensar, sèriamente,

(Conclui na 5.ª página)

TEMAS EM DEBATE

NEGÓCIO DE «VAMPIROS»

Há poucos dias — uma semana precisamente — todo o País foi alertado durante a tarde por angustiados apelos de urgência transmitidos através da Rádio e da Televisão. Um doente em estado grave precisava de sangue e pediam-se voluntários que deveriam dirigir-se ao Instituto Filipe Vaz, em Lisboa.

Fomos informados de que muitos dadores acorreram — como há ainda gente boa! — e assim aquela instituição pôde ficar com boas reservas. Dizemos «pôde ficar», porque o tipo de sangue que se pedia no tal «apelo de urgência» era precisamente o mais vulgar, o universal.

Portanto, o apelo feito em circunstâncias tão invulgares numa tarde de sábado alarmou desnecessàriamente toda a população do País. A não ser que o seu objectivo fosse diferente — ou seja — chamar a atenção das pessoas para a necessidade de darem sangue ao seu semelhante.

Mas então porquê fazê-lo através de uma instituição particular, como é o caso, que depois o vende por alto preço? E por que razão colaboraram a TV e a EN neste negócio?

Eis uma interrogação que se nos põe, num momento em que se fazem tantos apelos oficiais para recolha de sangue e quando este falta precisamente mais nos hospitais, onde vão parar todos aqueles que não podem pagar os altos preços cobrados pelo Instituto Filipe Vaz...

M. B.

NOTA da redacção

UM mês antes das andorinhas, chegaram as amendoeiras em flor, o festival mais castiço do nosso Algarve!

Com elas também, vieram mais turistas, mais excursões, e uma multidão diferente da das praias que aprecia melhor, com outros olhos, as belezas da natureza.

CHEGARAM AS AMENDOEIRAS!

Quem vem de propósito à nossa Província para ver o espectáculo das amendoeiras nesta época do ano não é a juventude buliçosa que nos invade no Verão, nem sequer as famílias que habitualmente nos procuram de férias. Não! As excursões às amendoeiras floridas são principalmente frequentadas por pessoas de meia idade, reformados, ou saudosistas. Por aqueles que procuram ainda qualquer coisa de belo à superfície da Terra e que apreciam o Algarve pelas suas belezas naturais, mesmo sem calor, nem banhos de sol e de mar, nem turistas em profusão.

As amendoeiras em flor continuam a ser espectáculo, um eterno espectáculo que se repete com êxito todos os anos. Isto enquanto houver amendoeiras no Algarve, porque é muito natural que, dentro de algum tempo, as belas árvores acabem por desaparecer na voragem do urbanismo e da venda de terrenos. Porque muitas já têm sido sacrificadas nos planos camarários e nas propostas de compra de entidades que, por outro lado, têm contribuído para o desenvolvimento da Província.

É assim! Não se pode ter tudo: beleza e prédios de rendimento; amendoeiras em flor e boas estradas... Mas, enfim, deixem-nos algumas, nem que seja para amostra, nas encostas da Serra do Caldeirão!

FACTOS E IMAGENS

TRÊS EQUIPAS NUM DOMINGO

FOI no domingo, que assuntos familiares nos levaram por umas horas do Algarve até Lisboa. Quando lá chegámos, ouvimos, entre outras coisas, um «alfacinha» perguntar a outro se ia ver o Sporting-Benfica, ao Estádio Nacional, e nessa precisa altura tomámos conhecimento de que não tardaria a verificar-se aquela grande jornada desportiva. E embora o futebol não seja para nós artigo de primeira necessidade, logo nos ocorreu a ideia de ir até lá, a ver o ambiente. Se bem o pensámos, mais depressa o fizemos. Na pensão lisboeta onde nos hospedávamos, perguntámos qual seria a melhor maneira de alcançar o Estádio, e ficámos sabendo que teríamos de ir ao Cais do Sodré, de cuja estação saíam comboios frequentemente. Também havia os táxis, mais caros, e os autocarros, no Marquês de Pombal, mais lentos e difíceis. Optámos pelo comboio, e eis-nos no Sodré, numa «bicha» que rabiava por longos metros, até que conseguimos o almejado bilhete e nos encafuá-

(Conclui na 5.ª página)

★

As amendoeiras voltaram a florir pelas serras e caminhos algarvios. É o festival que se renova todos os anos, é a época mais bela, que começa agora na nossa Província.

★

JORNAL do ALGARVE

AO assumir as funções de comandante da 4.ª Companhia com sede em Vila Real de Santo António, do Batalhão n.º 2 da Guarda Fiscal, teve a atenção, que agradecemos, de nos apresentar cumprimentos o sr. capitão José Luís Mateiro Dias Pinto.

A saúde é a maior riqueza

PREDISPOSTOS À GRIPE

Há pessoas particularmente predispostas à gripe: os mal alimentados, esgotados, portadores de infecções crónicas e anomalias do nariz e da garganta, tais como rinites, amigdalites, faringites, desvios do septo nasal, vegetações adenóides e outras.

Mantenha o organismo em condições de reagir às infecções, alimentando-se bem, evitando o cansaço excessivo (esgotamento) e curando-se das doenças crónicas.

Vendedores de tractores
Zona de Barlavento

Pretende-se, com conhecimento do ramo, para trabalhar com sede em Portimão.
Resposta a este jornal ao n.º 16 246.

CRÓNICA DE FARO

por MARCELINO VIEGAS

Lembrança de Estoi

As cidades (e Faro pontifica exuberantemente entre as demais) vão, lentamente, roubando a alma das aldeias. Hoje um habitante, amanhã outro, a caça ao homem faz-se sentir e vai aumentar substancialmente o património humano dos maiores aglomerados populacionais, criando, inevitàvelmente, problemas urbanos de que, também inevitàvelmente, alguns se aproveitam — quantas vezes usurràriamente! — e deixando, atrás deste movimento irreversível, um rastro de saudade. Uma nota de frustração (à aldeia), cujos resultados ainda se não podem analisar com vista ao futuro: positivos? negativos?

Talvez a centralização não resolva (ao nível nacional) o atraso do nosso País, face aos mais evoluídos e apetrechados. Para já, uma tendência existe: o retorno — por questão de alojamento e consequentemente, por dificuldades de habitação em condições civilizadas e salubres — à fixação nas zonas limítrofes dos grandes meios de trabalho comum. Isso, verifica-se nas grandes cidades que vão dando origem a outras cidades-dormitório à sua ilharga, afastando populações operárias e recordando, saudosamente a tantos e tantos, a vida agradável e livre dos seus tempos d'aldeia.

Faro ingressou no turismo. Pensa na indústria — através do projectado pólo de crescimento Faro-Olhão. E já, sem que no passado alguém haja pensado nisso, se sentem os gigantescos problemas urbanos, susceptíveis de, num futuro próximo, originarem dores de cabeça às administrações a que a boa vontade, o sentido de improvisação e os paliativos de emergência, não darão cura eficaz.

Surge-nos, a dois passos da linha de pensamento, a aldeia-vila-histórica de Estoi. Propriedade administrativa deste concelho. Velha Ossónoba. Senhora de situação geográfica e estratégica dominante. Futurista. À mão de Olhão. Ao alcance de Faro. Pois, não obstante, alguém responsável a lembrou com intenções futuristas?

Os romanos partiram, há muito. Deixaram ruínas que o nosso sentido comercial, enjoado (e só vaidoso) não soube aproveitar convenientemente. Um jardim que é crime deixar ao desprezo. Um espectáculo soberbo de amendoeiras floridas que ninguém projecta. Ali não há leões de Rio-Maior — a publicidade teria objectivo. Motivação. Razões para interessar uma (parece que) interessada Comissão (Regional) de Turismo.

Estoi. Devíamos-lhe esta lembrança. Enquanto os homens a esquecem. Enquanto as administrações não a dotam do que precisa. Por exemplo: Quem diria que Estoi, onde a água (romana) jorra por todos os lados, não tem água canalizada? Que não terá tão cedo? Que os habitantes continuarão de cântaro às costas? Que os (senhores) construtores investirão em Faro por causa disso? Quem?

Se não sabiam, digo-vos eu: que não sou romano, nem dos mil e quinhentos que lá habitam!

DR. DIAMANTINO D. BALTAZAR
Médico Especialista
Doenças e Cirurgia
dos Rins e Vias Urinárias
Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas
Consultório:
R. Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.
FARO
Telefones { Consultório 22013 / Residência 24761

Emigrante vítima de acidente

Na Mina de S. Domingos realizou-se com grande acompanhamento, o funeral do sr. Manuel José da Palma, de 46 anos, que morreu em França, vítima de um acidente de viação. Era casado com a sr.ª D. Bárbara Maria Amâncio, pai das meninas Catarina Maria Amâncio Palma e Maria Manuela Amâncio Palma e do menino Manuel José Amâncio Palma.

Pelos Municípios

Registou numerosa assistência a tomada de posse do cargo de vice-presidente da Câmara Municipal de Portimão pelo sr. eng. Emídio Águas de Lima Guerreiro Calado. A posse foi conferida pelo governador civil do distrito, eng. Lopes Serra, que pôs em relevo a importância do concelho portimonense e os dotes de trabalho e inteligência do empossado. O presidente do Município, sr. Reinaldo Assunção, enalteceu as qualidades do novo vice-presidente e enumerou os melhoramentos por que Portimão espera, tais como estradas, abastecimento de água, mercado central de frutas, a construir pela Junta Nacional das Frutas, e o porto comercial. No final o empossado agradeceu.

As prendas **CARAVELA** são escolhidas com bom gosto
CARAVELA 1 2
Vila Real de Sto. António

Plano de urbanização de Vila Real de Santo António

De harmonia com despacho do secretário de Estado de Urbanismo e Habitação, a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António encarregou o arquitecto José Henrique Pinto dos Santos de proceder à revisão do Plano Geral de Urbanização da vila.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

✝

AGRADECIMENTO

MARIANA ANTUNES CALDEIRA

A família de Mariana Antunes Caldeira vem por este meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde durante a sua prolongada doença e, bem assim, àquelas que a acompanharam à sua última morada e que directa ou indirectamente lhes manifestaram o seu profundo pesar.

Zona de jogo do Algarve

Foi celebrada nos Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, a escritura de contrato de utilização das instalações do ex-Casino Oceano de Monte Gordo, para casino provisório da zona permanente de jogo do Algarve.

Outorgaram por parte da Câmara Municipal o seu presidente, sr. dr. António Manuel Capa Horta Correia, e por parte da Sointal — Sociedade de Iniciativas Turísticas Algarvias, S. A. R. L. com sede em Lisboa, empresa concessionária da zona de jogo do Algarve, os srs. dr. José Manuel d'Orey e John Benedict Stilwel.

O prazo de utilização é de 5 anos como casino provisório e de 20 anos como restaurante.

Ecos

Partidas e chegadas

Incorporados numa excursão promovida pela General Motors de Portugal para os seus concessionários, partiram de avião, de visita às fábricas Opel na Alemanha, o sr. José Mateus Horta e esposa sr.ª D. Salomé Soares Gago Horta, sócios-gerentes da firma Farauto, Lda. O programa da viagem, que terá amanhã o seu termo compreende, entre outros motivos, visitas a lugares e concessionários G. M. na Holanda e Bélgica.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em *ALBUFEIRA*, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em *FARO*, hoje, a Farmácia Paula; amanhã, Almeida; segunda-feira, Montepio; terça, Higiene; quarta, Graça Mira; quinta, Pereira Gago e sexta-feira, Pontes Sequeira.

Em *LAGOS*, a Farmácia Ribeiro Lopes.

Em *LOULÉ*, hoje, a Farmácia Confiança; amanhã, Pinheiro; segunda-feira, Pinto; terça, Avenida; quarta, Madeira; quinta, Confiança e sexta-feira, Pinheiro.

Em *OLHÃO*, hoje, a Farmácia Pacheco; amanhã, Progresso; segunda-feira, Olhanense; terça, Ferro; quarta, Rocha; quinta, Pacheco e sexta-feira, Progresso.

Em *PORTIMÃO*, hoje, a Farmácia Moderna; amanhã, Carvalho; segunda-feira, Rosa Nunes; terça, Dias; quarta, Central; quinta, Oliveira Furtado e sexta-feira, Moderna.

Em *SILVES*, hoje, a Farmácia João de Deus; e até sexta-feira, a Farmácia Ventura.

Em *TAVIRA*, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Franco; segunda-feira, Sousa; terça, Montepio; quarta, Aboim; quinta, Central e sexta-feira, Franco.

Em *VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO*, a Farmácia Carmo.

Cinemas

Em *ALBUFEIRA*, no Cine-Pax, hoje, «Vigaristas no convento»; amanhã, «Mulheres e recrutas»; terça-feira, «Frankenstein, conquistador do mundo»; quarta-feira, «Sabata chega... e mata»; quinta-feira, «Sem espaço para morrer»; sexta-feira, «A diligência dos condenados».

Em *FARO*, no Cinema Santo António, hoje e amanhã, em matinée e soirée, «O padrinho»; terça-feira, «Smic, Smac, Smoc»; quarta-feira, «Doce veneno»; quinta-feira, «Duas inglesas e o continente»; sexta-feira, «O sheriff destemido» e «Missão inquietante».

Em *LAGOS*, no Teatro Cinema Império hoje, «A última vítima» e «O executor»; amanhã, «O assalto» terça-feira, «A nave dos loucos»; quarta-feira, «Kill, para quem não pode haver piedade»; quinta-feira, «História de uma traição».

Em *LOULÉ*, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Sartana no vale dos abutres» e à meia-noite, «A maldição de Frankenstein»; amanhã, «Os dois magos da bola»; terça-feira, «A morte de um pistoleiro»; quinta-feira, «A terra das mil aventuras».

Em *OLHÃO*, no Cinema Teatro, hoje, «O sheriff destemido»; e à meia-noite, «Amores de vampiros»; amanhã, em matinée e soirée, «Trágica vitória» (o soldado azul; terça-feira, «O caçador de bruxas»; e «Aquele dia frio no parque»; quarta-feira, «Paranoia» e «Esta noite é minha»; quinta-feira, «Amor, a maior riqueza»; sexta-feira, «Noite sem fim» e «A zaragateira».

Em *PORTIMÃO*, no Cine-Teatro, hoje, «Barão tempestade e a fronteira» e «O oportunista»; amanhã, «O regresso da casta Susana» e à meia-noite, «O barão de Frankenstein»; terça-feira, «As brancas montanhas da morte»; quarta-feira, «A mulher mais bela»; quinta-feira, «Mademoiselle de Maupin»; sexta-feira, «O baile dos bombeiros».

Em *SILVES*, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «O rio da violência»; amanhã, em matinée e soirée, «David Copperfield»; terça-feira, «A noite do último dia»; quinta-feira, «Experiência amorosa».

Em *VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO*, no Cine-Foz, hoje, «A volta de Jesse James» e à meia-noite, «O jardim da tortura»; amanhã, em matinée, «Os sobrinhos do Zorro» e em soirée, «A 25.ª hora»; terça-feira, «A grande fuga»; quinta-feira, «Um anjo dos diabos».

Navios de guerra portugueses e estrangeiros em Lagos

Integrados num exercício organizado pela N. A. T. O., denominado «Sunny Seas», chegaram ontem à baía de Lagos, os navios de guerra «Arethusa» e «Diomede», da Grã-Bretanha; «Bouve», «Vauquelin» e «La Seine», da França; «Evertsen», da Holanda; «Frankenland» da República Federal da Alemanha; e «João Belo», de Portugal, com uma tripulação total de cerca de dois mil homens.

Com o fim de tratar dos múltiplos assuntos relacionados com a presença destes barcos, decorreu, na segunda-feira, uma reunião, em que participaram os srs. capitão-tenente Corte-Real Negrão, capitão dos portos de Portimão e Lagos; dr. José Manuel Pearce de Azevedo, presidente da Comissão Regional de Turismo e da Junta Autónoma dos Portos de Barlavento do Algarve; dr. Figueiredo Luís, presidente da Câmara Municipal de Lagos e eng.º Analide Guerreiro, director da Junta Autónoma dos Portos do Barlavento do Algarve.

Foram programadas várias recepções a oferecer pela Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Lagos, as quais incluem passeios aos locais de maior interesse da Província e um jantar, esta noite, no Hotel Meia Praia.

AGENDA

Necrologia

Joaquim dos Santos Sopa

Faleceu no Hospital da Misericórdia de Faro, onde se encontrava internado, o sr. Joaquim dos Santos Sopa, de 58 anos, agricultor, solteiro, natural e residente nas Pontes de Marchil. Durante muitos anos foi dedicado dirigente do Clube Atlético Pontense, ao qual prestou relevantes serviços. O funeral, que se efectuou para o cemitério da Esperança, constituiu sentida manifestação de pesar.

D. Maria da Conceição Pereira

Faleceu em Tavira a sr.ª D. Maria da Conceição Pereira, natural de Santo Estêvão, casada com o sr. Inácio Martins. Era mãe da sr.ª D. Maria Teresa Picoito da Costa e de Silvestre Joviano Pereira Picoito, já falecido; sogra da sr.ª D. Maria Helena Miguel Picoito e do sr. Sebastião Vaz da Costa; avó das sr.ªs D. Maria Idalinda Picoito da Costa Mestre, casada com o sr. José António Mestre, D. Maria Aline Picoito da Costa Neto, casada com o sr. Humberto Tolentino Neto e D. Maria Eugénia Miguel Picoito e dos srs. João José Miguel Picoito e José Carlos Miguel Picoito; e bisavó da menina Patrícia Maria Picoito da Costa Mestre.

D. Quintina da Cruz Silva

Em Tavira faleceu a sr.ª D. Quintina da Cruz Silva, de 52 anos, natural de Tavira, casada com o sr. José do Nascimento Rodrigues. Era mãe das sr.ªs D. Maria Cecília da Silva Rodrigues, casada com o sr. Plautílio Augusto Guerreiro, D. Georgina Eulália da Silva Rodrigues, casada com o sr. José António do Carmo Viegas e das meninas Maria Odete da Silva Rodrigues, Maria Noémia da Silva Rodrigues e do menino José Basílio da Silva Rodrigues.

João Viegas

Num quarto particular do Hospital de Faro, onde se submetera a intervenção cirúrgica, faleceu o sr. João Viegas, de 71 anos, natural de Santa Bárbara de Nexe e comerciante na praça de Faro, onde residia após o seu regresso da América do Norte. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Coelho Viegas, e era pai do sr. João Manuel Coelho Viegas, casado com a sr.ª D. Maria Lucília Pinto Barros, avô da menina Maria Lucília Barros Viegas e irmão das sr.ªs D. Maria Luísa Viegas, D. Margarida Dores Viegas, ausente no Brasil e D. Rita das Dores Viegas e dos srs. José Viegas, António Viegas e Manuel Viegas.

O corpo esteve depositado na igreja de S. Pedro, realizando-se o funeral para o cemitério da Esperança, após a celebração da missa. O préstito constituiu sentida manifestação de pesar.

D. Maria Júlia Galego Samorrinha

Em Faro, onde residia, faleceu a sr.ª D. Maria Júlia Galego Samorrinha, de 71 anos, natural de S. Brás de Alportel, que deixa viúvo o sr. João Viegas Samorrinha, funcionário aposentado dos C. T. T. Era mãe do sr. Hélio Viegas Samorrinha, chefe da Secretaria da Escola Industrial, em Torres Vedras; sogra da sr.ª dr.ª Ilda Carmona Samorrinha; avó do menino Hélio Galego Carmona Samorrinha, estudante; irmã das sr.ªs D. Joaquina Martins Galego Correia e D. Celeste Martins Galego e do sr. Domingos Martins Galego, industrial em Grândola, e cunhada da sr.ª D. Antónia de Brito Galego e do sr. João dos Reis Correia.

TAMBÉM FALECERAM:

Em PADERNE — a sr.ª D. Maria Isabel da Conceição Gregório, de 68 anos, que deixa viúvo o sr. Álvaro da Silva Medeiros, e era mãe do sr. José da Silva Medeiros, comerciante em Paderne, sogra da sr.ª D. Maria do Carmo M. dos Ramos Medeiros e avó do menino Álvaro José Ramos Medeiros.

Em CASCAIS — a sr.ª D. Guilhermina da Silva, de 66 anos, natural de Lagos, casada com o sr. José Pedro dos Santos.

Em ALGES DE CIMA — a sr.ª D. Hermínia Cândida Gomes, de 66 anos, natural de Martinlongo (Alcoutim).

Em MOSCAVIDE — o sr. José Cabrita, de 65 anos, natural de Boliqueime, casado com a sr.ª D. Celeste Antunes Cabrita, pai das sr.ªs D. Maria Alexandrina Antunes Cabrita Júlio, D. Cecília da Felicidade Antunes Cabrita e D. Maria Ester Antunes Cabrita Santos e dos srs. Jesuíno e José Ventura Antunes Cabrita.

Na COVA DA PIEDADE — o sr. Abílio Correia Costa, de 52 anos, natural de Albufeira, casado com a sr.ª D. Gabriela Pereira Costa, pai da sr.ª D. Maria Teresa Pereira Costa Silva Ramalho.

Em QUELUZ — o sr. Daniel Martins Grade, de 55 anos, natural de Guia, casado com a sr.ª D. Abília da Conceição Vieira Grade.

Em ALMADA — o sr. António Alberto, de 37 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Aura da Encarnação Cabrita Alberto, pai das meninas Sebastiana Lourdes e Maria Natália Cabrita Alberto.

— o sr. Manuel João dos Santos Monteiro, de 29 anos, natural de Lagos, filho da sr.ª D. Manuela de Jesus dos Santos Matias Monteiro.

— a sr.ª D. Maria Rosa Guerreiro, de 86 anos, natural de S. Brás de Alportel, mãe das sr.ªs D. Teresa de Jesus Pestana e D. Sara das Dores Pestana.

Em ALGUEIRÃO — a sr.ª D. Maria da Saúde Cunha, de 92 anos, natural de Tavira, mãe do sr. Álvaro Salvador da Cunha.

Em LISBOA — a sr.ª D. Beatriz Isaura Carapeto, de 87 anos, natural de Faro, tia do sr. José Tavares Carapeto Blanco.

— o sr. José Alexandre Dias da Conceição, de 65 anos, natural de Faro, comerciante, casado com a sr.ª D. Maria Custódia da Conceição, pai do sr. José Manuel Soares da Conceição e das meninas Maria Augusta e Alda Ramos da Conceição.

— a sr.ª D. Helcília de Jesus Candeias Moreira, de 65 anos, viúva, natural de Olhão.

— a sr.ª D. Joana Maria Baptista, de 78 anos, viúva, natural de Vila do Bispo, mãe da sr.ª D. Almerinda Maria Lucas Jorge e avó da sr.ª D. Clarisse Lucas da Fonseca.

— a sr.ª D. Laura dos Santos Mártires de Sousa Branco, de 90 anos, natural de Castro Marim, casada com o sr. Inácio António de Sousa Branco e mãe dos srs. Alberto, Arnaldo, Américo, Armando, António e Antero de Quental de Sousa Branco.

— o sr. José Marques, de 68 anos, natural de Alferce, Monchique, casado com a sr.ª D. Bárbara de Jesus Fernandes Marques, pai do sr. Carlos António Fernandes Marques.

— a sr.ª D. Laura de Almeida Luz, de 79 anos natural de Lagoa.

— a sr.ª D. Custódia Afonso, de 65 anos, natural de Alcoutim, casada com o sr. José Rodrigues Júnior.

— a sr.ª D. Maria Amália de Mascarenhas Corte-Real Graça Mira Dias da Silva, de 53 anos, natural de Lagoa, casada com o sr. dr. Manuel António Dias da Silva.

— o sr. Manuel Coelho, de 69 anos, natural de Paderne, casado com a sr.ª D. Maria Custódia Ramos, pai das sr.ªs D. Inês Luzia, D. Maria Fernanda e D. Custódia Ramos Coelho e dos srs. Manuel e António Ramos Coelho.

— a sr.ª D. Aurélia de Melo, de 82 anos, viúva, natural de Castro Marim.

— a sr.ª D. Rosa dos Santos Trindade, de 84 anos, natural de Vila Real de Santo António.

— a sr.ª D. Mariana Reis, de 80 anos, viúva, natural de Lagoa, mãe da sr.ª D. Antonieta da Conceição e do sr. José Francisco.

— a sr.ª D. Maria Rosa dos Reis Bento Ferreira, de 62 anos, natural de Portimão, casada com o sr. Francisco Ferreira.

— a sr.ª D. Palmira Rosa Maria, de 73 anos, viúva, empregada comercial, natural de Silves.

— o menino Fernando José Matias Teresa, natural de Almansil, filho da sr.ª D. Irene Maria da Costa Matias e do sr. Otílio José Teresa.

— o sr. Manuel José, de 64 anos, natural de Mexilhoeira Grande.

— o sr. José Marques, de 68 anos, natural de Alferce, casado com a sr.ª D. Bárbara de Jesus Fernandes Marques e pai do sr. Carlos António Fernandes Marques.

— o sr. Manuel de Sousa Santana, de 80 anos, natural de Querença, 2.º-sargento da G. N. R., aposentado, casado com a sr.ª D. Maria Apolinária Alves Rodrigues Santana e tio das sr.ªs D. Maria Manuela Silva e D. Apolinária da Luz Dias dos Santos.

— o sr. Manuel do Carmo Brito, de 70 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Maria da Palma Brito, pai das sr.ªs D. Maria de Lurdes Palma

(Conclui na 7.ª página)

VILA NOVA DE CACELA

D. TERESA DE JESUS DOS SANTOS CABANAS

AGRADECIMENTO

Seu filho, noras, netos e bisnetos, na impossibilidade de o poderem fazer pessoalmente, vêm por este meio, agradecer profundamente reconhecidos, a todas as pessoas, sem distinção, que os assistiram na sua dor pela morte da sua querida mãe, sogra, avó e bisavó, Teresa de Jesus dos Santos Cabanas, e que a acompanharam à sua última morada, incluindo também aqueles que se dignaram assistir à missa do 8.º dia, mandada rezar pela sua alma.

Lotas

De 25 a 30 de Janeiro

VILA REAL DE STO. ANTONIO

Vivinha	50 220$00
Conserveira	44 500$00
Refrega	29 570$00
Cajú	24 520$00
Alecrim	24 050$00
Flor do Sul	23 820$00
Sul	22 400$00
Pérola do Guadiana	20 000$00
Leste	18 300$00
Liberta	17 280$00
Audaz	15 530$00
Garotinho	12 690$00
Infante	11 810$00
Maria Rosa	9 800$00
P. do Sul	6 800$00
S. Marcos	5 190$00
Agadão	4 900$00
Total	341 380$00

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 25 a 31 de Janeiro

O L H Ã O

TRAINEIRAS:

Lurdinhas	145 155$00
Pérola Algarvia	60 690$00
Estrela do Sul	40 165$00
Nova Clarinha	33 810$00
Rainha do Sul	33 195$00
Amazona	30 750$00
Princesa do Sul	19 400$00
Diamante	16 800$00
Brisa	15 630$00
Nova Sr.ª Piedade	9 805$00
Maria Rosa	9 600$00
Conserveira	2 950$00
Ilha de Sonho	2 700$00
Agadão	1 780$00
Total	422 430$00

BELLATRIX ESPECIAL
Alimentação Transistorizada

De 24 a 30 de Janeiro

Q U A R T E I R A

TRAINEIRA:

Artes Diversas	458 595$00

MOTORES INTERNATIONAL

De 25 a 31 de Janeiro

L A G O S

TRAINEIRAS:

Baía Lagos	50 730$00
Brisamar	39 225$00
Marisabel	31 300$00
Gracinha	27 540$00
Sagres	8 280$00
Total	157 075$00

ALADORES PURETIC

TEATRO, DEPOIS...

por Maria de Olhão

TEATRO — PRECISA-SE!

Na semana finda, realizou o Secretariado para a Juventude um Curso de Teatro para professores, regido por quatro estrangeiros — três espanhóis e um argentino, entre os quais a dr.ª Ana Maria Pelegrin que nos pareceu a mais culta e segura trave daquele quarteto.

Lamentàvelmente, o que a princípio deveria restingir-se a meia centena de participantes, dado o entusiasmo e a assiduidade de muitas dezenas de professores que não puderam ser incluídos, acabou por se estender a vários ouvintes e não houve possibilidade de controlar tamanho calor e adesão. Todos queriam, todos se sentiam com direito igual e, se por um lado foi um bem, teve a face negativa, como era lógico. Desta lição podemos aferir a urgência de preparar a escola para dar aos alunos o hábito de se desinibirem, de criarem e se recriarem, de intervirem na feitura e representação de pequenos enredos dramáticos, de os levar, enfim, a conservar a espontaneidade que os adultos, os sistemas educativos, a família, a sociedade condicionam e, sem querer, tantas vezes atrofiam quando todos deveríamos estar preparados para ajudar a criança e o jovem a canalizar as suas potencialidades para um fim útil e construtivo.

A arrancada para esta nova tomada de posição começou, pois, neste curso-relâmpago que a todos entusiasmou e a muitos e muitos ausentes deixou uma amarga sensação de injustiça. Ora, se em Espanha, os mesmos cursos só aceitam vinte professores, para darem resultado, como exigir que todos os centos de interessados a ele pudessem assistir?! É facto que a primeira semente a lançar chama atenções superiores às seguintes, mas aguardemos a repetição de tal iniciativa, que muito ficou a dever à dr.ª Helena Lucas, dirigente do sector de Teatro para a Juventude.

A conclusão tirada, ràpidamente, para a massa docente leva-nos a meditar na reclamada crise de teatro e na ausência da gente moça à maioria dos espectáculos. Se o contacto com esta arte se fizer, a partir da Escola, não duvidará ninguém de que, no futuro, muitos jovens vão aderir aos espectáculos e discutir as suas falhas ou aplaudir as qualidades. A educação artística tem de ser iniciada muito cedo para que as exposições de pintura e escultura não sejam quase reservadas a adultos, tal como outras manifestações artísticas.

Se os concertos para jovens fizeram já despertar vocações e entusiasmos, ninguém duvida que as outras artes, além da música, virão a entrar nos hábitos e nas preferências da gente nova, tão esquecida mas sempre tão acusada. Se dela falamos, por erros e desvios, porque não a ajudamos a realizar-se integralmente, no caminho do bem e do belo?

Cursos de Hotelaria no Algarve

Encontra-se novamente no Algarve, desta vez na Torralta, praia de Alvor, a brigada itinerante de hotelaria, chefiada pelo sr. José Freire, tendo como monitores: de andares, a sr.ª D. Maria Helena Gonçalves da Fonseca; de mesa, o sr. Abílio Beira-Mar e de cozinha, o sr. Aquilino Rocha.

Em Faro, em 15 do mês findo, começaram cursos de aperfeiçoamento para as secções de recpção e bar.

ENSINO NO ALGARVE

PRIMÁRIO

Passaram à situação de aposentadas as sr.as D. Angelina José Martins, professora da escola da Conceição de Faro e D. Maria da Conceição Bandeira, auxiliar de limpeza da escola da sede do concelho de S. Brás de Alportel.

— Foram extintos os postos escolares mistos de Ginjeira (Monchique), Ribeira de Alte (Albufeira) e Figueira (Portimão).

Faro

Oferece-se

Guarda-livros, técnico de contas, com mais de 25 anos de prática.

Resposta ou informações: «Quiosque» — Jardim Manuel Bivar — FARO.

Pontes Eusébio

Médico Especialista

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diárias depois das 15 horas

Cons.: Rua de Santo António, n.º 68-1.º Dt.º

Telef. Cons. 23133 / Resid. 24253

FARO

As economias bem aplicadas valorizam-se

consulte:

J. PIMENTA SARL

uma organização de sólidas estruturas

Escritório na PRAIA DA ROCHA
Telef. 24332

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telefs. 45843 - 47843
SEDE SOCIAL — Queluz — Av. António Enes, 25 — Tel. 952021/2

LOCAIS ONDE CONSTRUIMOS, VENDEMOS OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

ALAPRAIA (S. João do Estoril)
ALGARVE (Praia da Rocha)
AMADORA (Centro)
CASCAIS (Alto da Pampilheira)
COIMBRA (Rua Nicolau Chauterene)
LISBOA (Olivais)
LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
LUANDA (Rua Eng.º Artur Torres)
PAÇO DE ARCOS (B.º Comendador Joaquim Matias)
PAÇO DE ARCOS (Quinta do Meireles)
PAREDE (Bairro do Junqueiro)
PORTO (Rua da Piedade)
REBOLEIRA-NORTE
REBOLEIRA-SUL
VENDA NOVA

TAL E QUAL

Bernardo Correia

ALBUFEIRA: POSTO DE TURISMO CARECE DE REMODELAÇÃO

O órgão regional de Turismo tornou públicos os dados estatísticos referentes à frequência de turistas, no ano transacto, nos postos de informação localizados na nossa Província.

O posto de Albufeira (apenas superado pelo de Lagos) foi o segundo mais visitado em busca de esclarecimentos (22 406 consultas num total de 125 009).

Acontece que o referido posto continua a apresentar carências de ordem vária, que em nada beneficiam os respectivos serviços.

Impõe-se, por conseguinte, que se promova a sua rápida remodelação e moderno apetrechamento, de forma a dotá-lo dos meios técnicos que permitam torná-lo mais funcional e eficiente.

O resultado ora publicado (além de outros que atestam a importância daquela dependência), assim o exigem.

SIGLA

As condições atmosféricas agravaram-se no Algarve e de novo a televisão foi captada em más condições na nossa Província. Situação que, afinal, não é nova entre nós. Bem pelo contrário, tornou-se um hábito, ano após ano renovado.

Não será tempo de a empresa concessionária se voltar para o Algarve decidida a bem servir os milhares de telespectadores que aqui vivem e anualmente (ou semestralmente) pagam as suas taxas?

B. C.

do alto da torre

E a Rua Prof. Manuel Carlos?

A FUSETA dispõe apenas de um acesso rodoviário condigno. Quer isto dizer que quando essa saída estiver bloqueada todo o movimento de automóveis, autocarros e camiões está comprometido ou o que é pior, sèriamente em perigo as ligações de e para a Fuseta. Por seu turno se adrega de registar-se qualquer grande movimento de massas humanas (procissões, cortejos fúnebres, etc.) na Rua Dr. Oliveira Salazar, eis em sérios embaraços os que pretendem seguir de veículo.

Recordamos que há anos, por obras nos esgotos, foram os passageiros forçados a apanhar o autocarro à entrada da povoação. Entretanto os dois previstos e projectados (quase diríamos «sonhados») acessos tardam a aparecer, esfumando-se a sua concretização nos longos anos de espera. Referimo-nos à estrada marginal e à via que passando pelas vinhas e depósito da água determinaria o aparecimento de uma nova Fuseta. Contudo muitos destes problemas, se não a quase totalidade, desapareceriam com a conveniente pavimentação do lanço norte da Rua Prof. Manuel Carlos, paralela à principal artéria fusetense.

Uma reduzida extensão teima, a despeito das sucessivas promessas de vários responsáveis, a permanecer em terra solta e pedregulho, que a chuva transforma em lamaçal e o estio em poeira incómoda. A sua pavimentação, várias vezes propalada, repetimos, é daquelas obras que, por tão evidentes, espanta que ainda não tenha sido realizada.

Numa terra pouco bafejada nos últimos planos municipais talvez que essa realização viesse até a constituir, a par da plena necessidade, um acto de justiça.

Mas sobretudo que razões de ordem prática impõem a pavimentação é um facto por demais evidente.

João Leal

PORTO POÇAS JUNIOR

Um produto da rede distribuidora PROLAR
DEPOSITOS - FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 264 - LAGOS telef. 62287
PORTIMÃO telef. 23685 - MESSINES telef. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
ESTºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COMº E INDª, S.A.R.L.
Telex 08233-Teleg. Teof-Telef. 45308/09-4 Linhas-Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES-Algarve-Portugal

JORNAL DO ALGARVE
N.º 828 — 3-2-973

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que no próximo dia VINTE E SETE DE FEVEREIRO, pelas 15 horas, no sítio do Lazareto — Vila Real de Santo António, na fábrica que pertenceu à Falida SOPOMAR — SOCIEDADE DE MÁRMORES PORTUGUESES, LIMITADA, se procederá à arrematação em hasta pública — 1.ª praça — para serem vendidos aos maiores preços oferecidos acima dos que constam dos autos, todos os bens apreendidos àquela falida nos respectivos autos de falências nesta comarca pendentes, ou seja: MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO, MÁQUINAS E OBJECTOS DE ESCRITÓRIO; MÁQUINAS DIVERSAS; VÁRIAS FERRAMENTAS; DIVERSOS MATERIAIS E UTENSÍLIOS respeitantes à indústria de fabricação de mármores e ainda UMA BICICLETA A PEDAL E UM VEÍCULO-AUTOMÓVEL PESADO.

Vila Real de Santo António, 25 de Janeiro de 1973

O Escrivão de Direito,

a) *João Luís Madalena Sanches*

VERIFIQUEI:

O Síndico de Falências,

a) *Dr. José Manuel Cardoso Borges Soeiro*

Notícias de LOULÉ

O DR. Francisco de Sousa Inês, deu em 26 deste mês a sua última lição na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra e eu senti uma ternura intensa pela amizade e carinho com que o mimosearam colegas, antigos e actuais alunos.

Amigo, desde os bancos do Liceu, talvez essa cerimónia me tivesse comovido mais, por sentir que se aproxima também a minha última «lição», embora espere que ela não tenha tanta amizade e compreensão à minha volta. Francisco Inês tem uma vida de trabalho dedicado à causa do ensino de Farmácia e poucos farmacêuticos algarvios e de outras províncias, devem ter passado por Coimbra, sem o conhecerem, demandarem ou estimarem. Vida inteirinha dedicada ao trabalho árduo, pode dizer que conta hoje no corpo universitário com muitos assistentes, professores extraordinários e até catedráticos que já foram seus alunos. Amigo a quem nunca se recorreu em vão, levou a vida a ajudar os outros, não só no ensino como no aproveitamento das valiosas relações que criou, a conseguir soluções para muitos problemas da vida particular. Pessoa de princípios austeros, moldados numa formação perfeita, encaminhada para a defesa da integridade de carácter, volta-se, porventura mais para os desmandos de que é alvo, particularmente e que o prejudicam, do que para os dos amigos, que procura sempre acalmar e aconselhar no bom sentido. Mas, ele tem sempre uma razão pelo seu lado. É justo.

E fico muito satisfeito por escrever isto no jornal que é editado na terra em que nasceu. Porque, pelo nascimento, ele é de Vila Real de Santo António, embora dali tivesse sido transplantado para Loulé, ainda muito novinho.

A Radiotelevisão Portuguesa, anda a fazer um inquérito pelo País, sobre os programas preferidos pelos telespectadores e não vemos que esta seria a forma de colher melhores e mais justas conclusões, pois, para ser mais objectivos e incisivos esses inquéritos deveriam ser encaminhados também no sentido crítico, isto é, no sentido de saber quais os programas mais aborrecidos. E a pergunta seria dividida em duas partes: quais os programas de que gosta e quais os programas que mais o aborrecem.

Claro que isto não interessa a Vila Real de Santo António, que, quando não aprecia o programa da R. T. P. tem à mão o da T. V. E. assim como uma parte do País tem o segundo programa, que serve de recurso quando um se torna mais «chato», desculpem o calão, mas é mesmo assim.

Eu, se tivesse sido abordado responderia: Gosto dos programas que v. dão menos: mais competições de futebol e menos de outros géneros de desporto. Gostaria de ouvir um programa de língua pátria como o saudoso programa do padre Machado, que foi de todos e de longe o que maior aspecto cultural teve e, para satisfação da parte popular, um concursozinho por semana. E coordenaria os programas dos dois canais. Enquanto num, saísse música clássica, no outro seria música popular, folclórica e bem mexida.

Enquanto aos interlúdios, variaria mais as paisagens, distanciando mais as províncias, porque, afinal, o que temos visto são mais terras do Alentejo do que do Minho ou Algarve. Mas, parodiando o que diz o dr. Clementino na «Folha do Domingo»: Estamos à espera!

E não sei se isto tem acontecido noutras localidades: Na última semana apareceu um ruído insólito, impertinente e irritante que não deixa ouvir aquilo que temos interesse em ouvir. Deve ser uma deficiência técnica dos serviços, mas ocorre perguntar: Quando e onde é que a deixaremos de ter?

R. P.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS
MÁQUINAS ELECTRÓNICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RÁPIDA

Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMÃO

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Passaram à situação de aposentados os srs. António Joaquim Palma e Manuel Bárbara, cantoneiros de 1.ª classe da Direcção de Estradas do Distrito.

Precisamos

Betoneira com monta-cargas, em bom estado.

Resposta a este jornal ao n.º 16 242.

Publicações

«GAZETA MOBIL» — Está publicado o n.º 180, de cujo sumário destacamos: «Mensagens de Natal», «As sondagens em outros planetas e a colaboração da indústria petrolífera»; «Um «college» americano visto por uma professora portuguesa»; «Asas do Pégaso»; «Exposição bibliográfica no Centro Europeu de Relações Públicas»; «A Mobil em Angola»; «Brigada de trânsito da G. N. R.»; «Retratos de Mimi Fogt — uma exposição de pintura no edifício Mobil»; «Wankel — o motor rotativo» etc.

Comissão Regional de Turismo do Algarve

AVISO

A COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE, torna público que admitirá dois Engenheiros Civis, um Agente Técnico de Engenharia Civil e dois Topógrafos para o seu quadro de pessoal.

Os possíveis interessados deverão dirigir-se ao Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, com sede na Rua Rebelo da Silva, n.º 69 em Faro, até 20 de Fevereiro próximo, indicando idade, naturalidade, residência e todos os elementos indispensáveis para a melhor apreciação da sua situação.

Faro, 26 de Janeiro de 1973

O Administrador-Delegado,

Eng.º João Luís Olias Maldonado

Apartamento no Algarve

Se pretende um apartamento em LAGOS, habilite-se ao importante sorteio a realizar nesta cidade, em 19-4-1973, com a presença da autoridade.

Outros prémios a que ficará habilitado:

2.º Prémio . . . . 1 Automóvel
3.º » . . . . 1 Máquina de Lavar
4.º » . . . . 1 Televisor
5.º » . . . . 1 Gravador
6.º » . . . . 1 Rádio

Cada bilhete (um número), 20$00.

Envie hoje mesmo, em notas, vale ou selos de correio, a importância relativa aos bilhetes que pretenda adquirir, para TABACARIA - LIVRARIA GARRETT em LAGOS. Prestam-se todos os esclarecimentos.

Papel decorativo para paredes

Vendo papel com colocação
Preços especiais
Rua Dr. Manuel Arriaga, 3
Vila Real de Santo António

Reportagem em Faro

(Conclusão da 1.ª página)

ra o cargo (1948 ou 49), das directrizes da Emissora Nacional que sempre considerou o E. R. dentro da planificação geral do País, dos dez funcionários que possui — dois apenas na produção — e dos seus quatro colaboradores: João Leal, Santos Lopes, Libertário Viegas, Humberto Gomes e Marcelino Viegas.

Quanto aos «Programas Regionais», há, claro, os noticiários das 12 e das 19 e 30 e as várias rubricas desportivas, mas há também um plano de intensificação, pois o E. R. do S. está a passar por uma fase de desenvolvimento, encontrando-se em construção vários emissores. Assim, dentro de dois meses, estará no ar um de 10 quilovátios (a potência actual é de um apenas) mas outro da ordem das centenas de quilovátios encontra-se já em andamento, sendo responsável dessas transformações técnicas o sr. eng. Castanheira.

Disse, depois, o intendente que a programação do Emissor Regional será ampliada em 1973 e inserida na linha nacional, pois «a Intendência apenas coordena, não cria». Acrescentou que as instalações são mais do que suficientes para produzir programas capazes e citou o exemplo do «sempre chorado» Rafael Correia, que, em condições ainda mais pobres do que as actuais, conseguiu realizar montagens que mereceram os melhores louvores do Quelhas.

Declarou, ainda, Germano de Oliveira que tècnicamente o Emissor está suficientemente apetrechado...

EM BREVE SERÁ INAUGURADO UM AMPLO ESTÚDIO

Depois desta breve conversa «familiar» e introdutória, visitei as instalações do E. R. acompanhado do eficiente intendente, que me apresentou aos funcionários, me mostrou o estúdio e mesmo um novo, que será em breve inaugurado, o qual sinceramente me deixou espantado, quer pela sua dimensão, quer pela desproporção em relação a tudo o resto que me foi dado observar.

Durante essa visita, tive oportunidade de conversar um pouco com uma das «tais vozes» que já caíram no goto dos algarvios. Trata-se da locutora Maria Manuela, que, com seu marido, Vítor Nobre, constitui a equipa de locutores polivalentes. Soube por ela que prefere a locução, enquanto o Vítor é mais pela reportagem exterior. Disse-me das dificuldades de instalação em Faro, onde paga por uma pequena casa 1 600$00 por mês, considerando-a, porém, muito boa, pois tinham-lhe chegado a pedir 3 500.

Chegados havia dois meses de S. Tomé não tinham muito por onde escolher, mas desde já estavam rendidos ao Algarve e haviam decidido estabelecer um plano de divulgação turística da Província.

A LOCALIZAÇÃO DO EMISSOR NÃO MERECE SER URBANIZADA?

A visita estava no fim. Terminou como havia começado no gabinete do intendente meu vago primo. Pedi-lhe, então, uma fotografia do Emissor Regional para poder ilustrar a reportagem. Mostrou-me várias num álbum, mas eram todas tão nuas que eu solicitei-lhe que mandasse tirar uma conveniente e ma enviasse para Lisboa. Prometeu. Depois, muito amável ofereceu-se para me transportar no seu carro até ao centro de Faro. À saída tive ainda ocasião de ser apresentado ao Vítor Nobre com quem troquei umas palavras a fugir. E finalmente Germano de Oliveira levou-me para a cidade.

Nessa altura, tive a desagradável surpresa de verificar que o local onde está instalado o Emissor não se encontra urbanizado. Os dois acessos são autênticos «caminhos de cabras», e perguntei a mim mesmo: «será esta a razão por que isto não funciona?» Bem, a verdade é que a responsabilidade da urbanização pertence à Câmara Municipal de Faro e a da programação do E. R. S. à Emissora Nacional de Radiodifusão. São coisas bem distintas.

Quanto à fotografia que não acompanha esta reportagem, acontece que Germano de Oliveira não a mandou e um dia telefonou-me para Lisboa dizendo que não possuía nenhuma em condições. Eu já sabia. Então por que razão ele me telefonou?

Mateus Boaventura

Esclarecimento

A PEDIDO do autor, publicamos abaixo um «esclarecimento» de José Afonso:

«No passado dia 20 deveria realizar-se no Casino da Póvoa do Varzim com a organização do Clube Desportivo da Póvoa um espectáculo (o primeiro em que oficialmente era permitida a minha presença), para o qual eu me tinha comprometido por contactos telefónicos e por telegramas trocados entre mim e um dos elementos responsáveis pela organização que não cheguei a conhecer pessoalmente.

Foi minha constante preocupação desde os primeiros contactos que fosse dado ao espectáculo um carácter vincadamente popular.

Já na Póvoa de Varzim tomei directo conhecimento pela leitura dos convites *«pessoais e intransmissíveis»* e pela leitura do jornal «Ala Arriba» do tipo de espectáculo que se pretendia fazer: Assistência seleccionada, isto é, burguesa, de acordo com um critério de preferências, que exclui terminantemente as camadas populares.

De acordo com os princípios que têm orientado a minha actividade resolvi, já na Póvoa de Varzim, recusar a minha projectada colaboração.

Continuo disposto a participar em espectáculos populares tanto na Póvoa de Varzim como em qualquer outra parte.

Às pessoas que foram de boa fé ao Casino apresento as minhas desculpas.

P. S. — É inteiramente falsa a confirmação feita por um pretenso telefonema que eu teria feito às 17,30 horas, pois a essa hora viajava de automóvel para a Póvoa de Varzim.»

José Afonso

NOVOS CORPOS GERENTES

DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE PORTIMÃO

Foram eleitos os membros da direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários de Portimão que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, eng. Celestino Costa Alvo; vice-presidente, Manuel José Rodes Sérgio Callapez; secretários, António Guerreiro de Matos e António Pires Vieira dos Santos. Conselho fiscal — presidente, dr. João Josino Correia da Costa; vice-presidente, Luís Negrão Buísel. Direcção — presidente, eng. António Gaspar da Graça Patrocínio; vice-presidente, Mateus da Silva Gregório; secretário, José Diogo da Cruz Dias; tesoureiro, Manuel António Marques Dias; vogal, Luís dos Santos Ramalho Ortigão.

DO CÍRCULO CULTURAL DO ALGARVE

Realizou-se a assembleia geral do Círculo Cultural do Algarve, que aprovou o relatório e contas da gerência finda e procedeu à eleição dos novos corpos gerentes. Foram eleitos:

Efectivos — Mesa da assembleia geral: presidente, Joaquim da Rocha Peixoto Magalhães; secretários, José de Jesus Neves Júnior e Luís Alberto Rosa da Cunha. Comissão directiva — Manuel Velez Grilo, Maria Clara Fonseca Fernandes, Gilberto Carvalho Santos e João Manuel Mira Matos. Conselho fiscal — presidente, Valério Bexiga Grou, Manuel Campos Lima e José Carlos de Sousa Cavaco. Suplentes — Mesa da assembleia geral — presidente, Luís Filipe Nascimento Madeira; secretários, Elviro Rocha Gomes e João Nunes Pires. Comissão directiva — Maria de Lurdes Sousa Ruivo, Armando da Costa Lopes, José Luís da Silva Louro e Rui Gordinho Rebocho. Conselho fiscal — Amândio Marques Glória, Mateus Joaquim da Silveira Santana e João de Brito Vargas.

A comissão directiva eleita, propõe-se:

1.º — Continuar as obras em realização, nomeadamente o curso de desenho-pintura, matinées infantis, palestras-colóquio de sexta-feira, bem como incentivar o cinema de 16 mm.

2.º — Alargar o âmbito do C. C. A. através de uma campanha de sócios. Para isso realizar-se-ão inquéritos a todos os associados, aos jovens e adolescentes, e a outras colectividades recreativas e culturais, solicitando-lhes além de maior colaboração nas actividades do Círculo, sugestões sobre temas a abordar em futuros colóquios e palestras, ciclos de estudo, etc.

3.º — Chamar ao Círculo as camadas jovens, tornando-as dentro do possível, mais capacitadas culturalmente, dando-lhes condições de molde a terem as suas próprias actividades.

4.º — Procurar manter um intercâmbio cultural com as associações congéneres, possibilitando aos sócios maior proliferação e diversidade de realizações.

5.º — Reorganizar o Grupo de Teatro do C. C. A., incluindo, além duma secção de fantoches a realização de encenações doutros grupos.

6.º — Levar, se possível mensalmente ao Círculo, nomes válidos da cultura portuguesa.

7.º — Realizar ciclos de palestras-colóquios sobre os seguintes temas, mais de acordo com as realidades presentes: Turismo, Alcoolismo, Droga, Educação Sexual, Inflacção, Desporto, Habitação, Assistência Social, Poluição, Agricultura, e debatendo de uma maneira acessível, temas de Filosofia, História, Cinema, Música, Ciências, Literatura, etc. etc.

8.º — Reorganizar e fomentar a biblioteca do C. C. A., a qual deverá vir a fazer parte do Centro de Documentação de Faro, com as bibliotecas da Câmara Municipal de Faro, Capitania do Porto, Liceu e Escola Técnica, a fim de se poder elaborar um catálogo geral das obras de consulta existentes na cidade. Sobre este assunto já foram estabelecidos proveitosos contactos com o bibliotecário da Câmara de Faro.

9.º — Criar uma verdadeira sala de convívio no C. C. A., com um pequeno serviço de café-bar.

10.º — Organizar e incentivar visitas colectivas aos museus e exposições que se realizem no Algarve.

11.º — Dar um aspecto mais acolhedor às instalações do C. C. A.

Curso de prevenção de incêndios em Faro

Nas instalações do Grémio dos Industriais de Panificação de Faro, decorreu durante três dias, um curso geral de prevenção de incêndios, organizado pelo Centro de Prevenção e Segurança. Participaram 15 elementos encarregados da segurança dos hoteis, empregados na indústria e profissionais de seguros, que se debruçaram sobre assuntos práticos e teóricos da especialidade. As prelecções estiveram a cargo do prof. arq. Carlos Ferro, coronel Rogério Cansado, Ludwig Reiche e eng. Costa Martins. O curso incluiu também uma visita às instalações do serviço de incêndios do aeroporto de Faro.

Aldeia Turística das Areias de São João
ALBUFEIRA
Apartamentos desde 240 contos
Moradias de 2 e 3 quartos com garagem desde 560 contos
Situação Privilegiada no Algarve
Informações: Escritório da Aldeia ou pelo telefone 52031/2

Obras no aeroporto de Faro

A fim de impulsionar as obras integradas na empreitada de ampliação da placa de estacionamento do aeroporto de Faro e a escolha dos respectivos acessos, realizou-se uma reunião de trabalho, na qual participaram os engs. Carlos Freixo e António Pinelo, respectivamente chefe da Repartição de Solos e Pavimentos e delegado da Direcção de Obras da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, o director do aeroporto, comandante Manuel Alexandrino, o chefe dos Serviços de «Contrôle», Carlos Cruzinha, e os técnicos da empresa à qual foi adjudicada a obra.

A empreitada, cujo custo foi orçado em cerca de 40 mil contos, deverá iniciar-se no mês em curso.

Além da ampliação, os trabalhos comportam «bocas» de abastecimento, entre as quais as que se destinam aos «Boeing-747».

Concurso de fotografias sobre o Algarve

Reuniu centenas de trabalhos o concurso de fotografias de temática algarvia, organizado pela Comissão Regional de Turismo.

O júri, constituído pelos srs. dr. Francisco d'Avillez, chefe do Serviço de Festivais da Direcção Geral da Cultura Popular e Espectáculos, João Pinto Dias Pires, delegado da Comissão Regional de Turismo em Faro, D. Mariália Marques, rev. Carlos Nascimento Patrício, prof. Marcos da Fonseca, e Matos Cartuxo, cineasta e fotógrafo, atribuiu as seguintes classificações:

Fotografias a preto e branco: 1.º, «Chaminés — Albufeira» e 2.º, «Desenhos na areia — Albufeira», José Teixeira Zurrapa; 3.ºs, ex-aequo, «Rochas», Afonso Canelas Furtado (Lagos) e «Mulher algarvia», Miguel Sousa, Santo Tirso; 5.º, «Pesca do Alto», José Alfredo Tenório de Figueiredo, Oeiras. Menções honrosas: «Velhas muralhas — Velhos Costumes», José Núncio Gomes de Carvalho, Lisboa; «Vamos pró mar», Horácio José da Cruz, Lisboa; «Nuvens que passam», Augusto Nepomuceno, Lisboa; «Amendoeiras» e «Barcos tranquilos», Afonso Canelas Furtado; «Algarve 72», José Núncio Gomes de Carvalho; «Fachadas algarvias», Miguel Sousa.

Diapositivos a cores: 1.º, «Pôr de sol na ria de Faro», Pedro António Ruivo, Faro; 2.º, «Janelas no Algar Seco», António José Martins Mimoso Gravanita, Lagoa; 3.º, «Pôr do sol em Albufeira», António Maria Sousa Silva, Amadora; 4.º, «Caminho para a praia do Tonel», Pedro António Ruivo; 5.ºs, Ex-aequo, «Mar algarvio», António José Martins Mimoso Gravanita e «Amanhecer em Albufeira», Artur Pastor, Lisboa. Menções honrosas: «Praia da Rocha» e «Barco em Portimão», António Maria Sousa Silva; «No porto da Baleeira» e «Pescando em Sagres», Pedro António Ruivo; «Panorâmica de Albufeira» e «Hotel da Balaia», Artur Pastor.

Os trabalhos serão expostos em Abril, realizando-se então a distribuição dos prémios.

O Algarve possui elementos básicos para a instalação de uma Aldeia S. O. S. em prol da criança sem lar

(Conclusão da 1.ª página)

protecção paternal, dedicando o seu tempo à educação das crianças. As «mães» S. O. S. são escolhidas com o máximo cuidado, de entre centenas de candidatas. As que forem aprovadas nos vários exames médicos, psicológicos e no estágio, frequentarão em seguida um curso de formação, ficando aptas a substituir junto das crianças as mães que estas perderam. Na aldeia existe uma «casa comunitária» onde estão instalados os serviços necessários: mini-mercado (com pronto a vestir, etc.) lavandaria, gabinete médico, jardim-escola infantil (com um tanque-piscina) e biblioteca. Todas as crianças da Aldeia participam em conjunto das vantagens de uma colónia de férias à beira-mar.

As crianças Bicesse são agora 53, dos 2 aos 18 anos. Uma jovem de 18 anos da Aldeia, está empregada em Lisboa e «volta a casa» ao fim da tarde. Não existem pressões. Os que querem estudar, estudam; os que preferem o trabalho, podem obtê-lo.

Claro que não foi fácil a fundação, no caso de Bicesse. O terreno foi oferecido, a mão-de-obra deu-a o Ministério do Exército, apareceram subsídios de outros Ministérios e a 1.ª fase da Aldeia ficou pronta para receber os primeiros órfãos. A 2.ª fase concretizou-se com o auxílio da Fundação Gulbenkian.

Isto parece-me que seria bom para solucionar também o problema dessas crianças algarvias sem lar, inquietação de boas almas que pretendem ressuscitar antigos lares, e de muito boas consciências que têm o direito de pensar que isso de farda comum e rigidez de disciplina marca muito na sensibilidade infantil e que por nocivo deve deixar de existir. Razão de «Em prol da criança tavirense, o quê?» escrito pelo sr. Ofir Chagas para este jornal e de «Aconteceu reportagem em Tavira, Lar da Criança, sim ou não? A população responde» escrito pelo sr. J. Vasques também para este jornal. As pessoas inquiridas propõem a solução do problema pela seguinte forma, como diz J. Vasques: «Fazer dotar cada província ou zona com um Lar da Criança com instalações que permitissem albergar as crianças de todos os pontos» (zonas urbanas e rurais da província). E mais adiante: «É de fácil raciocínio verificar que seria menos dispendioso manter um Lar da Criança com 400 crianças do que 20 albergues com 20 cada um. Os fundos para um tal albergue a nível de província «seriam», na sua base, doados pelo Estado (ou Câmaras Municipais de todas as cidades e vilas incluídas na província».

Desta forma, a criação de um só lar de crianças instalado numa cidade para satisfazer tão sòmente as necessidades da mesma, não só é uma utopia sentimentalista e desconexa como também uma manifestação regionalista. Manifestação regionalista é também a presença de uma creche em Aljezur, abandonada durante muitos anos, a confirmar uma evidente inutilidade que pesa sobre empreendimentos desse teor, se forem tratados isoladamente. Uma aldeia S. O. S. a funcionar no Algarve, resolvia o problema da criança sem lar, oriunda de Aljezur, para a qual em tempos se julgou necessária a existência de uma creche, da criança de Tavira, para a qual se julgou necessária a criação de um lar, e das crianças sujas e mal vestidas de Olhão e zonas piscatórias de todo o Algarve, de existência marginal e precária, alimentação deficiente, falta de higiene, vestuário insuficiente e reduzida promoção social, crianças cuja estrutura familiar se afasta de uma condição económica bem alicerçada.

Num Algarve aberto ao turismo, com excelentes parques de campismo, a investir em hotéis de luxo e casinos, com boites e futuras zonas de jogos de marcada posição capitalista, num Algarve quase cristão, que conjuga esforços de boa vontade, no aspecto económico, em dádivas para a construção de um templo, ímpar na nossa Província, a edificar em Loulé, com aplicação de mais de mil contos; um Algarve helenístico a preencher com pavilhões gimnodesportivos, com gente consciente e interessada, na Província, de notáveis empreendimentos, a Comissão Regional de Turismo também podia interessar-se, e, sendo apoiada pelo Governo, auxiliar um empreendimento que visa a eliminação da inconveniente presença de pedintes inoportunos na evolução turística da Província. E a população, especialmente a detentora de excedente em capital, não será responsável pelos seres marginais que numa sociedade organizada admite e consente?

O Algarve possui elementos básicos para edificar uma aldeia S. O. S. e manter o seu funcionamento. Boa situação, clima marítimo e a proximidade da serra algarvia, pinhais, e outros elementos óptimos para a saúde física e mental das crianças. Que fazer, então? Primeiro, um apanhado estatístico em todas as zonas habitadas da Província, para se saber ao certo a quantidade de crianças necessitadas de apoio moral e físico; depois, a sua inscrição facultativa, com conhecimento dos respectivos pais se estes ainda existirem, e uma direcção responsável pela dependência da criança, após a sua admissão na Aldeia S. O. S. Para o bom funcionamento desse agrupamento social, o capital deve ser assegurado durante uma vintena de anos para as primeiras inscrições. Só se pode conseguir isso com a conjunção da vontade de pessoas humanamente cristãs ou de elevada consciência social, ou o apoio incondicional do Governo ou de comissões regionais. Trata-se quase de uma empresa não lucrativa, em que a aplicação do capital não visa a obtenção de lucros por parte dos associados. Lucros em dinheiro, claro, pois o lucro a obter só pode ser o aperfeiçoamento da pessoa humana, a elevação da consciência social, a salvação dos espíritos e das inteligências desses pequenos seres a quem a pouca sorte marcou com um destino cruel e desumano.

Terá o Algarve, num futuro próximo, a sua Aldeia S. O. S.?

V. P.

Terreno

Compra-se cerca de 50 ha., com água para citrinos.
Pode ser longe do mar.
Resposta com área, localização e mais informes, para este jornal ao n.º 16 225.

Governanta de Rouparia

Com bastante prática de serviço oferece os seus serviços a qualquer Hotel, tanto na zona Sul como na zona Norte.
Resposta a este jornal ao n.º 11.

Hotel do Golfe da Penina
Penina—Portimão

Pretende admitir serventes de despensa e controladores.
Entrada imediata.
Os interessados deverão dirigir-se à Secção do Pessoal deste Hotel.

H. PIMENTA DE CASTRO
Médico Especialista
Prótese Dentária
FARO
Consultas com marcação
Olhão: das 10 às 13 e ainda tardes de terça-feira
Faro: 2.ªs, 4.ªs, 5.ªs, 6.ªs a partir das 15 horas
Telef. Olhão 72619 / Faro 25855 — Consultório
23104 / 2247 — residência

Hotel Caíque
Olhão
PRECISA
Ajudante de Recepção e Rapaz 13-15 anos
Telef. 72167

MARISCOS VIVOS
De várias espécies, em aquários.
Especialidade da casa: Camarões grelhados na chapa e Lagosta na brasa.
CAFÉ RESTAURANTE CENTRAL
Telefone 65230—QUARTEIRA

Apartamento no Algarve
Situação privilegiada na Aldeia Turística das Areias de S. João — Praia da Oura — Albufeira, vende-se, completamente mobilado, alcatifado e equipado com «KITCHINETTE», frigorífico, exaustor, etc.
Extraordinária valorização.
Preço fixo, 385 contos.
Próprio ao próprio.
Resposta à Avenida 5 de Outubro, 73-2.º Dt.º — Faro.

Factos e imagens

(Conclusão da 1.ª página)

mos numa carruagem que já devia ter o triplo da lotação mas parecia ainda aguardar gente. Espremido que nem uma laranja de pouco sumo, iniciámos por fim a viagem, notando, pelo caminho que, afinal, fizéramos bem em optar por aquele meio de transporte. É que na estrada, ao lado da via férrea, milhares de automóveis e autocarros, lambretas, etc., seguiam a passo de boi, enquanto o nosso comboio à cunha ganhava triunfante e rápido, a maratona de 12 minutos até ao vale do Jamor.

Deixada a carruagem-espremedouro, pensámos então que para entrar no Estádio era preciso bilhete. E incluído num mar de gente que nunca mais acabava, avançámos pelo único caminho à vista, até acharmos as bichas que conduziam à bilheteira. Uma vez alinhado numa das bichas, e quando a meta parecia próxima, ficámos sabendo que os bilhetes se haviam esgotado, e que por aquele lado não «apelávamos» nada. Antes destas últimas bichas, víramos, na estrada, uns magotes, cada um com um sujeito no meio a agitar uns papelinhos. Logo nos lembrámos que devia ser malta oportunista, a fazer uns cobres extra, com a venda de alguns bilhetes conseguidos mais cedo. Procurámos um dos magotes e perguntámos ao sujeito central a como eram os bilhetes. Disse-nos que eram bancadas de cabeceira a cinquenta escudos cada uma. Como achássemos caro, inquirimos do preço a que custavam na bilheteira, para calcularmos a margem de lucro do vendedor. Retorquiu-nos que as comprara no clube (não sabemos qual) a quarenta escudos, e se não quiséssemos, que «cavássemos», pois havia mais interessados. Contrariado, mas desejando assistir ao iminente começo da pugna, largámos os cinquenta «gansos», notando então que o preço de tabela dos bilhetes era de 22$50, como lá vinha escarrapachado em letras de Imprensa.

Uma vez no Estádio, surgiu novo problema; o do assento. Por mais que olhássemos, só víamos gente e mais gente sentada, e muita outra gente à procura de lugar. Avançámos por uma das escadarias de distribuição do público pelos vários sectores e como não víssemos lugar e as equipas estivessem já no pontapé de saída, sentámo-nos mesmo na escada. O jogo começou, o pessoal que subira a escadaria connosco, enchera-a, os últimos a chegar ficaram de pé, tirando a visão aos de trás e forçando-os a levantar-se. Por fim, tudo ficou de pé.

Dizem-nos os nossos rudimentos de futebol que a partida não valeu um caracol. Valeu, sim, pela fantástica moldura humana que o recinto oferecia, e pela maré de gente que só deixou de entrar dez minutos depois do intervalo, para começar a sair meia hora antes do fim. Ao nosso lado, ouvíamos os habituais comentários dos torcedores: «Mexe-te lesma, ou não ganhas outro apartamento!» «Se não metes um golo, não apanhas um carro novo»; «Mas quem foi o imbecil que pôs aquele sorna a extremo? Se o gajo ainda nem tocou na bola!», «Que grande barraca! E vim eu de tão longe a ver uma miséria destas!». Depois surgiram os golos e com eles os remoques, dos «encarnados» para os «verdes» e vice-versa, diálogos enternecedores que não temos vagar de reproduzir.

Acabado o encontro, o «match», o despique, a contenda, foi a debandada, cada um a procurar ir mais depressa para o seu meio de transporte. E então começou a «batalha de flores», em que os saquinhos de «confetti» eram substituídos pelas almofadas adquiridas ao entrar. Um jogava à cabeça de outro, que, sentindo-se atingido e não querendo ficar a perder, afinava a pontaria e disparava contra nova cabeça. Uma batalha encantadora que provocou estragos e aborrecimentos sem fim.

Atingido o comboio, iniciámos o regresso, ainda mais espremido que na ida. Ao nosso lado e após os primeiros minutos da viagem, um dos viajantes, moço talvez de 18 anos, de longos cabelos à Yazalde, desmaiou, no meio da compressão, e não houve forma de o reanimar. Gerou-se uma cadeia de solidariedade, arranjaram-lhe lugar junto a uma das janelas, que abriram, para o refrescar, mas o desmaio manteve-se e uma ambulância levou-o pouco depois da chegada à estação.

* * *

Na manhã desse domingo e como sempre fazemos ao chegar a Lisboa, olhámos os jornais, em busca do anúncio de algum concerto musical. Soubemos que a banda da G. N. R. actuaria às 11 horas no Teatro da Trindade, e lá a fomos ouvir. Demos uns escudos, poucos, pelo bilhete de acesso e programa, e na gorjeta à arrumadora que nos indicou o lugar. Vimos uma «equipa» afinada, de cerca de cem executantes todos sabedores e conscientes do seu papel de divulgação da arte dos sons e em que se incluíam alguns autênticos «ases», os primeiros actuantes de cada naipe de instrumentos. Mas, caso estranho, o teatro nem sequer estava cheio. A assistência, na quase totalidade era composta de pessoas idosas, ou verdadeiros amigos da música, talvez antigos executantes, ou reformados que ali encontravam velhos conhecimentos no espairecer de umas horas.

Mais tarde, veio-nos à memória o contraste das oitenta mil pessoas que enchiam o Estádio, muitas delas, como nós, espremidas de corpo e de algibeiras, para ver actuar onze jogadores de cada lado num desafio que não agradou, e aquelas duas ou três escassas centenas que no teatro, còmodamente instaladas e tendo pago uma bagatela, displicentemente aplaudiam os cem músicos da banda. E como na verdade nos satisfez muito mais o concerto do que o jogo, perguntámo-nos se daria resultado, formar-se umas dezenas de bandas nas diversas províncias do País, dividi-las por categorias (I, II e III por exemplo) e organizar entre elas campeonatos, em moldes parecidos aos futebolísticos, em que umas «subissem» e outras «descessem», consoante as aptidões evidenciadas. Claro que em cada um destes desafios musicais, a assistência teria de entrar consciente dos valores em jogo, da classe dos jogadores e do «sistema» por estes posto em prática, que o mesmo é dizer, dos números que iriam ser executados, seus autores e suas características.

Talvez fosse difícil, mas não nos parece que deixasse de resultar. E embora os estádios da bola não perdessem a freguesia, esta poderia muito bem passar a interessar-se um pouco mais pelos estádios da música.

C. da R.

Janela do MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

nas consequências desta trágica guerra e no alto preço desta ambicionada paz.

Conseguida, indiscutìvelmente, pela vontade férrea de Nixon e pelos esforços do seu embaixador especial Kissinger, a paz do Vietname começa a ser debatida e a luta passará dos campos de batalha para a mesa da conferência. Nas actuais circunstâncias, assim tinha de ser e as dificuldades em vários sectores vão parecer insuperáveis, mas a paz, esta paz que tanto desejaram as populações do Vietname e que tanto pediram as potências ocidentais e do Leste será obtida, à custa dos maiores esforços e sacrifícios de parte a parte.

A maior vitória dos negociadores, quanto a mim, foi chegar ao termo da luta e encaminhar os interessados para a paz. Tudo que a esta se refere será discutível, por enquanto, mas as negociações serão longas e vão esclarecer os pontos de vista em presença. Muitos meses decorrerão até o verdadeiro acordo ser assinado e forte desentendimento haverá entre os governos de Washington, Saigão e Hanoi. A verdadeira guerra da Indochina vai começar agora, mas para obter a paz ambicionada há dezenas de anos naquele recanto do Sueste Asiático.

Mateus Boaventura

Agenda dos Portos de Barlavento do Algarve

Com o habitual esmero gráfico saiu a edição de 1973 da Agenda dos Portos de Barlavento do Algarve, que inclui detalhada informação sobre marés, tabelas horários de camionetas, automotoras e comboios, dados estatísticos e astronómicos e outros e insere em anexo os planos de exploração e apetrechamento dos portos de Portimão e Lagos e respectivas plantas.

VENDE-SE
Terrenos no Algarve

1.º — Na Manta Rota, num dos melhores locais.
2.º — Em Santa Rita, entre Santa Rita e o parque de campismo do Caliço, Cacela, cerca de 400 000 metros quadrados.
3.º — No Caliço, Cacela, junto ao parque de campismo.

Trata, Fernando Vaz Pires — telefone 509 — Vila Real de Santo António ou 95282 — Cacela.

TINTAS «EXCELSIOR»

Aluga-se

Armazém com montras e cave, área 1 000 m2, em Faro.

Tratar com José Pereira Júnior, telefone 22683 ou José de Sousa Pereira, telefone 24499, na Estrada da Penha em FARO.

CONSULADO DE PORTUGAL EM GÉNOVA

TRADUÇÃO

Número 54725 de Repertório — Número 5579 de Recolha

Verbal de Acta Assembleia República Italiana

No ano de mil novecentos e sessenta e sete, o dia dezanove de Maio em Génova, Rua Gramsci 3/4 às horas seis da tarde. Perante mim, Doutor GIUSEPPE GAGGERO, Tabelião (Notário), estabelecido em Génova, inscrito no Registo dos Distritos dos Tabeliões reunidos de Génova e Chiavari, sem assistência de testemunhas por expressa renúncia feita de acordo também comigo Tabelião (Notário) pelos comparecentes que têm os requisitos da lei para tal renúncia, estão presentes os senhores: Comm. GIAMBATTISTA PARODI, nascido em Génova a 1.º de Abril de 1899, industrial, estabelecido para o seu encargo em Génova, Rua Gramsci 3/4, o qual compareceu a esta acta em próprio e na sua qualidade de procurador geral do irmão Cav. Lav. MÁRIO PARODI, nascido em Génova a 24 de Julho de 1894, industrial, estabelecido para o seu encargo em Génova, Rua Gramsci 3/4, tal nomeado e autorizado em virtude de procura geral recíproca feita pelo Tabelião (Notário) António Cassanello de Génova em data 23 de Novembro de 1941, procuração que dito comparecente declara ainda válida e não revocada e na qual o Cav. MÁRIO PARODI é indicado com a paternidade do falecido Luigi e não com a data de nascimento; cópia autêntica da procuração mesma anexa-se sob «A»; Doutor VITTORIO PARODI, nascido em Génova a 26 de Janeiro de 1905, industrial, estabelecido para o encargo em Génova, Rua Gramsci 3/4; senhor Doutor FORTUNATO MALERBA, nascido em Busalla a 7 de Novembro de 1908, residente em Génova, Rua E. Raggio 11/10 /A, empregado, que presencia a esta acta na sua qualidade de procurador especial das senhoras: MARIA TERESA PARODI, casada COSTA, nascida em Génova a 14 de Julho de 1896, residente em Génova, salita Santa Catarina 4/7, proprietária. EUGÉNIA PARODI viúva PASSADORE, nascida em Génova a 4 de Outubro de 1892, residente em Génova, Rua Assarotti 14, proprietária. MARIA LUÍSA PARODI viúva ROBAUDO, nascida em Génova a 12 de Junho de 1889, residente em Génova, Viale IV Novembre 4/A 7 D, proprietária. AMÉLIA PARODI viúva DA PASSANO, nascida em Génova a 6 de Setembro de 1887, residente em Génova, Rua E. Raggio, 3 proprietária; tal nomeado e a quanto segue autorizado com escritura particular por mim Tabelião (Notário) autenticada respectivamente nas datas de dezasseis corrente de Maio, dezassete corrente de Maio, ainda dezasseis corrente de Maio, dezoito corrente de Maio, que por original junta-se a esta acta sob a letra «B». Como comparecentes da qual identidade pessoal estou certo, pedem-me de receber a Verba de Assembleia Extraordinária dos Sócios da Sociedade «em accomandita semplice» Angelo Parodi filho do falecido Bartolomeo já (antes) Sociedade Anónima Angelo Parodi filho do falecido Bartolomeo, com sede em Génova, Rua Gramsci 3/4, Capital liras 5 000 000, convocada neste dia, sítio e hora em primeira convocação para deliberar sobre as seguintes ordens do dia: Prorrogação da duração da Sociedade até ao dia 31 de Dezembro do ano 2 000 e conseguinte modifica do artigo 4 do regulamento da Sociedade. Várias e eventuais. Sob designação dos comparecentes toma a presidência da Assembleia o Senhor Comm. Giambattista Parodi, que constatado que estão presentes, ou estão representados os três sócios «accomandatários» Comm. Giambattista Parodi, Doutor Vittorio Parodi, e Cav. Lav. Mário Parodi e que estão legalmente representadas as quatro Sócias «accomandanti» Amélia Parodi, Maria Luísa Parodi, Eugénia Parodi e Maria Teresa Parodi, declara a presente Assembleia validamente constituída para deliberar sob a ordem do dia estabelecido: Expõe portanto os vários motivos pelo quais é necessário prolongar a duração da Sociedade que se iria caducar aos 30 de Abril de 1973. A Assembleia, por unanimidade, delibera de prorrogar a duração da Sociedade até a 31 de Dezembro do ano 2 000 e modificar o artigo 4 do Regulamento da Sociedade substituindo ao antigo texto o seguinte: Art. 4: A duração da Sociedade foi estabelecida até a 31 de Dezembro do ano 2 000 e poderá ser prorrogada por vontade e acordo dos Sócios Comanditários pelo mesmo três meses ante do prazo. Por quanto o velho texto do mencionado artigo 4 estabelece expressamente que a duração da Sociedade poderá ser prorrogada por concorde vontade dos Sócios «accomandatários», as Sócias accomandantes: Senhoras Maria Teresa, Eugénia, Maria Luísa e Amélia irmãs Parodi como acima representadas associam-se ao acima deliberado que aprovam. Nada mais havendo a decidir o Presidente declara finda a Assembleia, sendo sete horas da tarde. De tudo quanto acima eu redigi a presente acta que por mim foi lida com os alegados anexos aos comparecentes que aprovam e comigo o subscrevem; consta de duas folhas de papel selado escritos por mim e por pessoa de minha confiança em cinco fachadas cerca. Assinou: Giambattista Parodi em próprio e na qualidade; Vittorio Parodi; Fortunato Malerba nelle ditas qualidades; Giuseppe Gaggero Tabelião (Notário).

Cópia igual ao original assinada nos termos da Lei, omitindo os anexos. Génova, 15 de Janeiro de 1973.

Segue assinatura de Giuseppe Gaggero — Notário e carimbo redondo do mesmo: Gaggero Giuseppe filho de António — Notário em Génova. Carimbo com os dizeres: Procuradoria da República — Génova — Por delega do Ministro de Graça e Justiça legaliza-se a assinatura do notário Giuseppe Gaggero Génova 16/1/1973 — O substitute Procurador da República Dr. Renato Olivieri — Carimbo redondo «Procuradoria da República — Génova». Contém mais um selo de liras 500, anulado com o mesmo carimbo redondo. Segue Legalização deste Consulado.

Ao lado tem aposto um carimbo «Registado em Génova 30 de Maio de 1967 n.º 8798 liras 6620».

Certifico ser esta a tradução fiel do verbal de assembleia que antecede. Consulado de Portugal em Génova, 24 de Janeiro de 1973.

O Consul,

Emanuele Consigliere

Vice-Cônsul

Planos de actividade

(Conclusão da 1.ª página)

ciativas particulares de desenvolvimento urbanístico da vila, através de loteamentos, iniciativas cuja marcha vinha sendo travada por razões várias. Em tal sentido muito já se conseguiu fazer para o rápido andamento dos respectivos loteamentos, cujos processos se encontram uns já aprovados e outros bem encaminhados para a competente resolução. Há que considerar atentamente este ponto, porquanto é bem sabido que o avanço ou expansão urbanística das povoações constitui factor de importante valorização sócio-económica que, por sua vez, proporcionará aos municípios usufruírem rendimentos muito consideráveis para enfrentarem as múltiplas necessidades que se lhes deparam. Pela situação acabada de expor é bem de ver, meus senhores, que de forma alguma pode ser risonho o plano de actividades para o próximo ano. Este e, provàvelmente, os próximos. Teremos, pois, como já afirmei, que preparar e fomentar bases que a longo prazo, permitam actuações condignas e a nível das carências do concelho».

Segundo o documento, a receita ordinária da Câmara tem vindo a subir nos últimos anos, sendo de 1 944 494$40 em 1969, 2 245 327$20 em 1970 e 2 396 654$60 em 1971. Paralelamente, as despesas têm sido de 1 725 465$10, 2 042 539$90 e 2 325 198$70. Para 1973, a receita ordinária está calculada em 2 811 122$00 e a extraordinária em 5 078 382$00.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

OBRAS EM PERSPECTIVA

A Câmara são-brasense prevê a realização das seguintes obras, em regime de comparticipação do Estado, as quais irão sendo executadas à medida que forem concedidas as respectivas comparticipações: a iniciar em 1973:

Construção de edifícios escolares (Plano dos Centenários) no concelho de S. Brás de Alportel, projectos a elaborar, verba prevista, 400 000$00; construção do parque municipal, projecto a elaborar, verba prevista, 100 000$00; adaptação do antigo campo de futebol a parque de jogos, projecto a elaborar, verba prevista, 300 000$00; regularização e pavimentação das principais ruas da vila: a) com projecto, 441 010$00; b) projecto a elaborar, verba prevista, 300 000$; construção da rua de ligação da Rua João de Deus à Av. Dr. Oliveira Salazar (os terrenos que hão-de constituir o leito da rua foram oferecidos à Câmara), projecto a elaborar, verba prevista, 330 000$; construção do C. M. de ligação da E. M. 513 à E. N. 2 (zona da Pousada), projecto a elaborar, verba prevista, 100 000$00; E. M. 513 de S. Brás de Alportel à E. N. 2 (próximo de Barranco do Velho), reparação e correcção com variante, 4.ª fase, projecto a elaborar, verba prevista, 100 000$00; construção do C. M. 1202 da E. N. 2 à E. M. 513 (Javali a Parises), 3.ª fase (com projecto), 468 750$00; construção do C. M. 1202 da E. N. 2 à E. M. 513 (Javali a Parises), 4.ª fase, projecto a elaborar, verba prevista, 300 000$00; construção do C. M. 1202 da E. N. 2 (Alportel) à E. M. 513 (Javali), 13.ª fase, revestimento a macadame e betuminoso, com projecto, 612 500$00; construção do C. M. 1202 da E. N. 2 (Alportel) à E. M. 513 (Javali), 14.ª fase, macadame de Javali para Alportel, projecto a elaborar, verba prevista, 100 000$00; E. M. 523 da E. N. 2 (Sambada) à E. N. 396, reparação do lanço dentro do concelho, projecto a elaborar, verba prevista, 100 000$00; C. M. 1306 da Fonte da Murta a Funchais, projecto a elaborar, verba prevista, 500 000$00; C. M. 1303, da E. N. 2 (passando pela Campina dos Galegos), à E. N. 523, projecto a elaborar, verba prevista, 200 000$00; E. M. 513, reparação e correcção do lanço de Vale de Carvalho ao limite do concelho de Loulé, 10.ª fase, alargamentos da faixa de rodagem entre os sítios da Fonte da Murta e Corotelo, com projecto, 80 000$00; construção de miradouros e respectivos ramais de acesso, projecto a elaborar, verba prevista, 200 000$00; beneficiação e valorização do recinto da Fonte Férrea e reparação da respectiva via de acesso, projecto a elaborar, verba prevista, 100 000$.

OBRAS A CONCLUIR EM 1973

Abastecimento de água e saneamento da vila (inclui ramais domiciliários de águas e esgotos) com projecto, 196 000$00; construção do C. M. 1209, da E. M. 514 a Desbarate, 2.ª fase, 150 000$00.

ALGARVE...
Sol, Praias Douradas,
Lendas,
Moiras encantadas,
Boa gente,
Carnaval de Loulé,
Amendoeiras em Flor
e...

TIANICA

— AGUARDENTE DE MEDRONHO —

Prestígio e qualidade com garantia

QUARTEIRA, presente!

Ensino e previdência dizem sim ao futuro

TALVEZ porque no prever do amanhã não temos sido grande especialista, sentimo-nos em presença de dois melhoramentos que nos parecem ultrapassar o presente. Ensino e previdência, são sem dúvida coisas indispensáveis em qualquer minúscula aldeia. Ora, Quarteira, apresenta-se com tendências de crescimento, que são de difícil previsão. É certo que o turismo terá larga influência neste febril desenvolvimento. Mas não será menos certo que para fazer funcionar essa indústria se precisa de algo mais do que os alojamentos.

Assim e para garantir o amanhã do ensino primário, está em construção uma escola com dez salas. Por outro lado, tendo em atenção o presente e prevendo o futuro, a Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito, pôs em funcionamento, há meses, o Posto Clínico de Quarteira, para atender os beneficiários destas áreas, que se hoje são em maior número na construção civil, amanhã serão na indústria hoteleira.

No entanto e segundo lamentações que temos ouvido, este Posto Clínico não funciona a contento de todos os beneficiários. Certamente ninguém sente prazer em estar doente, nem haverá alguém capaz de prever quantas pessoas vão necessitar de assistência médica, em cada dia, no Posto de Quarteira, ou em qualquer outro. Portanto, e por razão nenhuma estará certo o limite máximo de quinze doentes a atender em cada dia. Só um médico (e nem sempre) pode avaliar a gravidade da doença, mas neste caso como? Quem pode garantir que o décimo-sexto, sétimo ou vigésimo, pode aguardar a próxima consulta? Talvez por isso, vemos, não raro, beneficiários da Previdência a recorrer a médicos particulares.

Porque a saúde sempre foi e será a maior riqueza de um povo, o Posto Clínico dos Serviços Médico-Sociais em Quarteira é, sem dúvida, um melhoramento que não deve ser ignorado. Justiça seja feita a quem o idealizou e fez entrar em funcionamento. Mas, dado o aumento populacional, é de acreditar que mesmo sem «gripe» os pretendentes a consulta médica podem ultrapassar o número quinze, em qualquer dos seis dias da semana destinados a consulta. Por outro lado e voltando a pisar a tecla do expansionismo quarteirense, convém não esquecer que a partir de determinado número de habitantes, começa por ser exigível a indispensável assistência médica.

Embora nesta cada vez maior Quarteira, existam a Casa dos Pescadores e os Serviços Sociais atrás citados, podemos computar em mais de trinta por cento as pessoas não abrangidas por esses meios de assistência. Ora, não será muito difícil concluir que toda essa gente terá de recorrer a médicos particulares. E onde? Em Loulé, Faro ou Albufeira.

Outra pergunta poderá ser feita pelos leitores, ou pelos interessados: normalmente, todas as sedes de freguesia têm o seu médico municipal, e, segundo parece, os Municípios pagam uma verba mensal ao médico para tal fim contratado. Então e Quarteira não tem um médico? Quem irá passar o atestado de óbito quando uma pessoa morre sem assistência médica? Muitas perguntas ignoramos, mas desta sabemos que os atestados são passados pelo regedor da freguesia, por falta de médico, que segundo julgamos saber, está em Albufeira, e entre as duas localidades existe uma grande «serra».

Manuel Faria

Procura-se

Pessoa para trabalhos simples de escritório, que saiba escrever à máquina.

Umas horas por semana. Escrever para Apartado 167 — FARO.

Resultados do concurso
O Algarve visto pelas Crianças

Reuniu elevado número de trabalhos artísticos e literários, com curiosas interpretações da província do Sul, o concurso O Algarve visto pelas Crianças, promovido pela Comissão Regional de Turismo. As classificações foram as seguintes:

Escalão dos 3 aos 7 anos: Trabalhos artísticos — 1.º, Carlos Alberto Silva Santos (7 anos), Escola do Patacão (Faro); 2.º, Maria Armanda Silva de Sousa (7 anos), Escola da Guia; 3.º, Lanitília Encarnação Coelho Alcaria (7 anos), posto escolar de Mata-Lobos (Faro). Colectivo, literários: 1.º, Paula Cristina Campos Gouveia (7 anos), Várzea da Candosa, Tábua; 2.º, Paulo José Simões Torres (7 anos), Portimão. Menções honrosas: Isabel Maria de Castro Felício (7 anos), Escola do Patacão; Ana Isabel Valagão Fonseca (4 anos), Escola do Patacão; João Manuel Rocha Reis (6 anos), Escola do Carvoeiro (Lagoa); Leonardo F. Carvalho e Silva Nogueira Cardoso (7 anos), Castelo Branco; André Sala Coutinho (7 anos), Porto; Natália da Conceição Silva Nunes (7 anos), Escola da Guia; e Paulo Alexandre Mamede São Tiago (7 anos), Escola do Mar e Guerra (Faro).

Escalão dos 8 aos 10 anos: Trabalhos artísticos: 1.º, Elsa Cristina Regato de Tricote Cerqueira (9 anos), Faro; 2.º, Vítor Manuel Coelho Rodrigues (10 anos), Escola do Patacão; 3.º, Leonor Pera Nunes (9 anos), Escola do Patacão. Literários: 1.º, Rodrigo João Rendeiro Marques (9 anos), Lisboa; 2.º, António Manuel Gomes Cavaco (10 anos), Escola Anexa do Carmo, Faro. Menções honrosas: Maria de Lourdes Baeta Valente (9 anos), Escola do Patacão; José Rosa Mascarenhas (10 anos), Escola do Patacão; Fernando Mateus da Silva Mendes (10 anos), Escola Preparatória de Portimão; Joaquim Fernando Estêvão Mateus (10 anos), Posto Escolar Misto Azinhal e Amendoeira (Faro); José Armando Ferreira Dâmaso (10 anos), Escola de Carvoeiro; Marília do Rosário da Silva Mateus (9 anos), Escola Mista de Espiche (Lagos). Literários: Lourenço de Albuquerque d'Orez Vieira de Campos (8 anos), Escola de Aplicação Anexa do Carmo.

Escalão dos 11 aos 14 anos: Literários: 1.º, Maria da Luz de Sá Grade (13 anos), Beja; 2.º, Maria da Graça Nunes da Silva Rendeiro Marques (14 anos), Lisboa. Menções honrosas: Ana Cristina Marques Ganeso (14 anos), Faro; Helena Maria Garcia Ventura (11 anos), Porto; Pedro Miguel Rita de Trindade e Lima (12 anos), Almada. Classificação artística: 1.º e 2.º, Jaime Alberto Fortuna Nunes da Silva (12 anos), Lisboa; 3.º, Maria Aline Lopes dos Santos (11 anos), Faro. Colectivo: Escolas Masculina e Feminina do Patacão. Menção honrosa: Escola Mista de Odiáxere. Mais menções honrosas: Margarete Gonçalves Alferes (13 anos), Faro; Oselina Maria Cristino Barroso (11 anos), Escola da Mexilhoeira Grande; Dora Maria da Silva (12 anos), Portimão; Maria Naucília Gonçalves (11 anos), Escola da Guia. Menção especial: Teresa Amélia Henrique Horta (13 anos), Olhão.

Trespassa-se
em Vila Real de Santo António

super-mercado em actividade há mais de 3 anos, equipado com todos os requisitos de conservação pelo frio, registadora electrónica, gôndolas, balcões, estantes metálicas e boa existência de géneros alimentícios e garrafeira.

Boa localização, na passagem de turistas nacionais e estrangeiros.

Tratar com Adelino Lopes Palmeira — Rua dos Centenários, 38 e Rua do Exército — Vila Real de Santo António.

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António
Anúncio

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «C. M. 1236 — REP. DO LANÇO DESDE SANTA RITA (LIMITE DO CONCELHO DE CASTRO MARIM) À FÁBRICA, POR NORA — 4.ª FASE».

Torna-se público que no dia 26 de Fevereiro próximo, pelas 18 horas, na Sala das Sessões desta Câmara Municipal, perante o respectivo Corpo Administrativo se procederá à abertura de propostas respeitantes ao concurso público da empreitada indicada em epígrafe.

A base de licitação é de 146 763$00 (Cento e quarenta e seis mil setecentos e sessenta e três escudos).

Para serem admitidos a este concurso, os interessados devem depositar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência suas filiais, agências ou delegações, a importância de Esc. 3 669$10 (três mil seiscentos e sessenta e nove escudos e dez centavos) que constitui o depósito provisório, mediante guia preenchida pelos próprios, o qual fica à ordem do Presidente da Câmara Municipal deste Concelho.

O depósito definitivo a fazer pelo adjudicatário é de 5% sobre o valor da adjudicação.

As propostas acompanhadas da documentação exigível, deverão ser enviadas à Câmara Municipal, pelo correio e sob registo, até às 12 horas do dia do concurso.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto, encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal, durante as horas de expediente e na Direcção de Urbanização de Faro.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, 29 de Janeiro de 1973.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

A conveniente instalação dos seus serviços é preocupação da Junta Distrital de Faro

Foi aprovado o plano de actividades e bases do orçamento ordinário para o ano em curso, da Junta Distrital de Faro, a que preside o sr. Raul de Bivar Weinholtz.

É parco de realizações o referido documento. As despesas estão computadas em quatro mil contos, dos quais 1 100 se destinam a obras a realizar (construção de edifícios para serviços da Junta e melhoramentos nos existentes). Entre os edifícios previstos contam-se o que se destina à instalação do Arquivo Distrital, no Largo de São Francisco, cujo projecto está dependente da informação dos Serviços de Urbanização e da burocracia.

A não existência de técnicos qualificados é outro dos grandes problemas com que a Junta se debate. Dois lugares persistem sem ocupantes: o de director do Arquivo Distrital e o de agente técnico de Engenharia de 1.ª classe dos Serviços de Fomento, não obstante os sucessivos concursos, que têm ficado desertos.

A publicação de uma pequena monografia de todos os concelhos do distrito é outro objectivo da Junta, que se prevê tenha o seu início ainda este ano. A conservação do Museu Etnográfico, sem dúvida dos mais completos do País, merece o melhor interesse do organismo. O número de visitantes, quer nacionais como estrangeiros, os quais têm expressado elogiosas referências, justifica todo o carinho votado ao museu.

Merecem ainda uma referência os serviços técnicos de fomento, como apoio aos Municípios com dificuldades na elaboração dos projectos.

Báscula Lage
Vende-se

Em 2.ª mão, óptimo estado, mod. M/151/F n.º 234 de 25 toneladas, totalmente metálica. Montagem e assistência garantidas pelo fabricante.

Contactar:

Est. Teófilo Fontainhas Neto — Com.º e Ind.ª, S. A. R. L. —Telefones 45306 - 45307 - 45308 - 45309 — Apartado 1 — S. BARTOLOMEU DE MESSINES.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve

Precisa-se Técnicos de Rádio e T.V.

Comparecer na sede em FARO, Rua Serpa Pinto, 17-21 ou indicar onde contactar.

Electromercados do Algarve, Lda.

CORREIO de LAGOS

ERROS DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA DOS DETENTORES DE VINHOS NA BASE DOS CONSTANTES AUMENTOS DE PREÇOS?

Muito temos referido sobre os constantes aumentos nos preços dos vinhos, bem reveladores de desordenamento entre os detentores do produto, e muitos são os que se nos dirigem, recriminando a nossa atitude e justificando-se com o elevado preço da mão-de-obra e uns escudos a mais no custo de arroba de uvas. Retorquimos que isso não é bastante para considerarmos dois aumentos de preço em menos de um mês, salvo se erramos a contabilidade, visto que, encontrado o preço do custo, há que estabelecer o da venda com lucros legais e razoáveis para cada campanha.

Uma adega cooperativa, por exemplo, tem escrita em ordem; só vende os seus produtos, e para seu prestígio nunca deve praticar preços que originem lucros além dos permitidos por lei.

Os erros de coordenação económica recentemente tornados públicos, e que foram objecto de larga exposição dos deputados Fausto Montenegro e Magalhães da Mota, na Assembleia Nacional, não devem servir de pretexto para que vinhos armazenados em condições de vender ao público por menos de 8$00 cada litro, já quase atinjam 10$00.

Da leitura de tal exposição fàcilmente se conclui descontentamento dos lavradores, especialmente da região do Douro, por erros a que não está alheia a J. N. V., pois o deputado Magalhães da Mota ao apontar erros que requerem remédio de adaptação ao tempo presente, refere: «E não é só a Casa do Douro que necessita de revisão, mas também o Instituto do Vinho do Porto, a Junta Nacional do Vinho, a Federação dos Vinicultores do Dão e a Comissão de Vinicultura dos Vinhos Verdes».

Ora, o Algarve está pràticamente alheio às andanças do Norte, que datam de há muitos anos; não sofreu as consequências desastrosas da paralisação de exportações a quando da primeira grande guerra, que deixou os lavradores nortenhos a «pedir por portas», como é hábito dizer. Não deve agora, portanto, ser aproveitada uma situação filha de erros para os quais estamos convencidos não contribuímos, mas que de certo modo influindo na economia da Nação, poderiam ser atenuados e não agravados.

Se as adegas cooperativas dessem exemplo de comedimento, talvez os restantes detentores se limitassem, e a marcha desenfreada do aumento de preços cessasse. Contràriamente, antevemos má vontade para com os processos de cooperativismo, visto que as cooperativas que só visam os seus interesses, sem atenção pelos consumidores, são de condenar. E das adegas cooperativas, diga-se em abono da verdade, têm partido senão a totalidade, pelo menos a maioria dos aumentos. A de Lagos, justiça lhe seja feita, não tem sido a primeira, e só praticou o último aumento após três ou quatro semanas de iniciado pelas restantes.

Presentemente, verifica-se harmonia nos aumentos dos detentores, com prejuízo dos consumidores, o que de modo algum corresponde ao que a prática e a razão aconselham.

J. RIBEIRO DESEJA CONTRIBUIR PARA A VALORIZAÇÃO DE LAGOS

Talvez os nossos leitores não se tenham apercebido do que J. Ribeiro vem inserindo no *Jornal do Algarve* sob o título: «Sugestões para um centenário». Ao que fez inserir no número de 9-12-72 (adaptação da igreja das Freiras a Museu de Arte Sacra), demos o nosso inteiro apoio em apontamento inserto no *Jornal do Algarve* de 16 do referido mês.

Quanto ao inserido nos números de 13 e 27 de Janeiro findo, se deixássemos de o apoiar, cometeríamos erro grave, visto que muito escrevemos sobre o entaipamento do painel existente no edifício que é hoje pertença do B. N. U., por constituir autêntico guia turístico dos que nos visitam, e não menos sobre a figura ilustre do dr. Júlio Dantas, não só pela sua obra, como pelo abandono da casa onde nasceu, e que em princípio destinada a receber a sua biblioteca, uma vez considerada insuficiente para o efeito, bom seria aproveitá-la para parque infantil, conservando-se o exterior com a traça primitiva.

Sobre a capela de ossos na igreja de S. Sebastião já referimos algo, e, recentemente ao facto da porta lateral estar vedada ao público por mais independência à residência paroquial.

Também o dr. José Formosinho tem sido objecto de referências nossas pela sua dedicação ao Museu Regional de Lagos, e restauro das muralhas, bem merecendo por tal que a uma das ruas da terra onde nasceu seja dado o seu nome.

Bem haja pois J. Ribeiro, que, defendendo agora o que pelo signatário tem sido defendido desde há muito, vem reforçar a necessidade de alertar os que vivem num meio privilegiado pela Natureza.

A PROPÓSITO DO «CHOQUE COM UM CANDEEIRO QUE TEM DADO QUE FALAR»

Pessoas ligadas à vida de um estabelecimento situado na Rua Dr. Oliveira Salazar, designado por «Charco», sentiram-se afectadas pelo que fizemos inserir no *Jornal do Algarve* do dia 13, com o título acima.

Como consideramos «charcos» todos os estabelecimentos que, vendendo bebidas alcoólicas além da hora indicada para descanso nocturno, contribuem grandemente para que os motoristas que gostam da «pinga» dêem azo a choques como o que originou o nosso desabafo, a revolta pelo acontecimento foi de molde a não averiguarmos se o «encharcado» se encharcou no estabelecimento «Charco» das pessoas afectadas, se em qualquer outro dos situados na mesma artéria ou noutras da cidade. Se agora os proprietários do «Charco» esclarecem que o caso é estranho ao seu estabelecimento, resta-nos apelar das autoridades locais e provinciais e mesmo nacionais, para que sejam abolidas as licenças de porta aberta, além da uma hora, pois casos como este, regra geral, são filhos dos vapores do álcool ingerido em estabelecimentos como o «Charco», «Caravela», «Machon» e tantos outros que sob o pretexto de diversões turísticas, vão contribuindo para que o passado honesto dos nossos avós se transforme em algo que não sabemos como classificar, mas que em coisa alguma nos honra.

A noite fez-se para descansar, e assim está indicado que além da uma hora haja sossego absoluto, pois se há os que sem vida nem guarida, sentem prazer em fazer da noite dia, e vice-versa, há, felizmente, em maioria, os que, tendo as suas ocupações e desejando vencer com honra, necessitam de que os deixem descansar, pelo menos entre a uma e as oito horas.

QUANDO ACABAM AS INTERRUPÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA?

Por estarmos convencidos de que uma empresa como a Ceal reúne condições para evitar que localidades como Lagos estejam privadas de luz por longos espaços de tempo, penaliza-nos que as interrupções se sucedam sem que sejam tomadas medidas no sentido de as evitar.

Temos notado interrupções de aproximadamente uma hora, mas a da noite de 16 do mês findo foi de quase duas horas, de onde se conclui que as coisas vão de mal a pior.

Os frequentadores do cinema tiveram de se contentar com meio espectáculo, aguardando quase uma hora a reparação da avaria, para a qual se esperou a presença de técnico instalado a dezenas de quilómetros de Lagos. Consta-nos que na clínica do dr. Clarinha decorria operação a um doente, que poderia ter sido prejudicada pela interrupção de energia eléctrica. E quantos prejuízos se causou em estabelecimentos comerciais e indústriais?

Não nos move qualquer má vontade contra a Ceal, mas, como empresa que se preza, ficar-lhe-ia bem providenciar para evitar prejuízos aos que serve. Assim, que nos seja dada a satisfação de não registar mais casos como o citado, o que se nos afigura possível com vigilância permanente no posto de transformação existente na zona do Sargaçal, a poucos quilómetros de Lagos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Mais 40 anos de experiência...
Em feridas infectadas
FURÚNCULOS E ANTRAZES
PASTA "SANO"
CONTRA A FURUNCULOSE
LABORATÓRIO "SANO" V. N. GAIA
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

Actualidades desportivas

FUTEBOL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Comentários de João Leal

A fúria azul quedou-se ante a muralha algarvia

Pouco favoráveis eram os vaticínios para o Sporting Farense na sua deslocação ao Restelo. Oito dias antes a turma de Scoppelli, um Belenenses novo, diferente e sensacional nesta época de 1972/73, goleara com seis tentos sem resposta e no seu próprio reduto o União de Tomar. Mas contrariando previsões e signos, os algarvios, com uma humildade notável e um estoicismo impressionante, puderam e souberam travar a fúria estonteante de Gonzalez e seus pares.

E já no segundo tempo, em dois perigosos contra-ataques, o golo dos homens de Faro esteve à vista. Num deles a trave devolveu uma bola que ia com o selo de golo certo. O empate premeia o esforço e a forma como os primodivisionários algarvios souberam cercear as arremetidas do Belenenses e travar-lhes as intenções.

Anota-se este ponto arrecadado como estímulo para a recuperação empreendida pelo Farense na sua luta pela não-descida. A tarefa é difícil mas os horizontes estão mais desanuviados. Sanado o período de questões internas, castigos e lesões, deseja-se que a turma obtenha novos êxitos que a consolidem em posição condigna com os interesses do futebol algarvio.

II DIVISÃO

Quatro foram os golos marcados, quatro são os comandantes

Eis o Olhanense e o Portimonense metidos no quarteto da frente, diga-se desde já com inteiro merecimento. As duas formações estão moralizadas e robustecidas, plenas de «élan» e de querer, sabendo jogar futebol e realizando uma época regularíssima. É de referir ainda como denominador comum das duas equipas, o empenho e querer com que encaram todos os encontros. Assim aconteceu uma vez mais no domingo.

Em Olhão a turma local realizou o 13.º desafio consecutivo sem perder, proeza de que poucos se podem ufanar. O Cova da Piedade ofereceu réplica animosa e jamais se deu por vencido, determinando uma exaustiva aplicação dos donos da casa. Renato marcou três golos e é agora o guia isolado e destacado dos marcadores da Zona Sul.

Em Portimão, a tradição quebrou-se, pois usualmente o Sesimbra ali fazia das suas. Com duas «pedras» em grande tarde — Afonso, na retaguarda, e Dema à frente — os barlaventinos lançaram-se, a partir da meia hora, em ataque maciço e Dema fez por três vezes consecutivas funcionar o marcador. Assinale-se que o ataque do Portimonense é o mais realizador da Zona Sul e a sua defesa a menos batida de toda a II Divisão. Que os dois algarvios do quarteto da frente se mantenham no comando são os nossos votos.

III DIVISÃO

Nulo no derby regional

Severa a punição que o Moncarapachense foi sofrer ao Estoril, donde retornou com seis tentos sofridos. De realçar o empate conseguido pelo Esperança em Montemor-o-Novo contra uma equipa que aspira à promoção. Significativo também o ponto obtido pelo Silves na sua deslocação a Vila Real de Santo António, ante um Lusitano ávido de recuperar os pontos esbanjados. Não isenta ainda de certa apreensão a carreira dos três clubes algarvios, Esperança, Silves e Lusitano, já que o Moncarapachense tem a sua posição definida na cauda classificativa.

Amanhã Farense/Landskrona-Bois (SUÉCIA)

Aproveitando a pausa no Nacional da I Divisão, realiza-se amanhã às 15,30 no Estádio Municipal de São Luís, em Faro, um encontro de futebol entre a equipa do Sporting Clube Farense e a do Landskrona-Bois, que presentemente ocupa o 5.º lugar no Nacional da I Divisão da Suécia.

A turma vem referenciada com a conquista da Taça da Suécia na época de 1971/72, que lhe abriu as portas para a participação na Taça das Taças. Presentemente o Landskrona-Bois tem 4 internacionais.

RESULTADOS DOS JOGOS

I DIVISÃO

Belenenses, 0 — Farense, 0

II DIVISÃO

Portimonense, 4 — Sesimbra, 0
Olhanense, 4 — C. da Piedade, 1

III DIVISÃO

União Sport, 1 — Esperança, 1
Estoril, 6 — Moncarapac., 1
Lusitano, 1 — Silves, 1

CAMPEONATOS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Tavirense, 2 — Torralta, 2
Sambrazense, 4 — Quarteir., 1

JUNIORES

Olhanense, 4 — Esperança, 0
Lusitano, 3 — Portimonense, 0

JUVENIS

(2.ª fase)

Olhanense, 1 — Portimonen., 2
Farense, 4 — Imortal, 0

TORNEIO DISTRITAL

São Luís, 2 — Esperança, 0
Silves, 3 — Louletano, 0

JOGOS PARA AMANHÃ

II DIVISÃO

Peniche-Olhanense
C. da Piedade-Portimonense

III DIVISÃO

Esperança-Estoril
Moncarapachense-Lusitano
Silves-Caparica

CAMPEONATOS DISTRITAIS

I DIVISÃO

Louletano-Torralta
Tavirense-Quarteirense

JUNIORES

Lusitano-Farense
Faro e Benfica-Olhanense
Portimonense-Esperança

JUVENIS

(2.ª fase)

Imortal-Olhanense
Portimonense-Farense

TORNEIO DISTRITAL

Louletano-São Luís
Esperança-Lagos e Benfica

MOTONÁUTICA

CAMPEONATO DA EUROPA

Decorrerá em Agosto na foz do Arade, junto à Praia da Rocha, o Campeonato da Europa em Motonáutica (classe SE), certame de relevante importância no calendário desportivo e turístico do Algarve.

Ténis de mesa

Na sede da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa realizou-se o sorteio das 1.ª e 2.ª eliminatórias da Taça de Portugal, a disputar em 3 e 10 deste mês. Em relação ao Algarve verificar-se-ão os seguintes jogos:

Seniores —1.ª eliminatória (amanhã): Farense-Imortal; Alcantarilhense-Algoz e Benfica; Progresso de Pêra-Juventude de Monchique; Fraternidade de Portimão-Faro e Benfica. 2.ª eliminatória (em 10 deste mês): Algoz e Benfica-Progresso de Pêra; Juventude Monchiquense-Faro e Benfica; Fraternidade de Portimão-Farense; Alcantarilhense-Imortal.

As equipas serão eliminadas à segunda derrota consecutiva.

Terminou o Torneio de Abertura

Organizada pela Associação de Ténis de Mesa de Faro, decorreu a fase distrital do Torneio de Abertura, para atletas filiados. Os jogos efectuaram-se em Alcantarilha, Pêra e Algoz e a classificação final ficou assim ordenada: 1.º, Jorge Beldade (Farense); 2.º, Daniel Sancho (Fraternidade de Portimão); 3.º, Fernando Sousa (Fraternidade de Portimão); 4.º, Casimiro Mendonça (Náutico do Guadiana); 5.º, José Manuel Costa (Farense).

Trespassa-se em Monte Gordo

Estabelecimento comercial. Bom local. Pode servir para qualquer ramo.
Motivo à vista.
Resposta à Redacção deste jornal ao n.º 16 219.

Vende-se

Propriedade ou lotes urbanizados, a 250 m. do mar, no centro de Quarteira.
Tratar no Restaurante Central — telefone 65230 —Quarteira.

BASQUETEBOL

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO SÉRIE B

BOA PRESENÇA DO FARENSE EM LISBOA, FRENTE AO CDUL

Ante um CDUL melhor credenciado e que actuava no seu burgo, o cinco do Farense jogou com muita determinação e a derrota, por 66-63, constitui resultado com sabor a dever bem cumprido e deverá estimular a equipa para a obtenção do número suficiente de vitórias que possam obstar à sua despromoção. Assim a equipa cuide muito a sério da condição física, e possa melhorar a sua até aqui pouco esclarecida manobra táctica.

JUNIORES

TAÇA JOSÉ TOMÁS DA GRAÇA

10.º TRIUNFO CONSECUTIVO DE OS OLHANENSES

Foi emotivo e de técnica apreciável o embate que Faro e Benfica e Os Olhanenses travaram no passado sábado, no Pavilhão de Faro, proporcionando ao público um bom espectáculo desportivo.

A emoção foi uma constante ao longo de todo o encontro. Antevia-se ligeiro favoritismo do cinco de Faro pois o adversário actuava desfalcado de algumas das suas pedras influentes. Porém, o cinco de Olhão, defendendo melhor que os farenses e revelando-se mais sereno e lúcido nos instantes finais do jogo foi justo vencedor, adregando o 10.º triunfo consecutivo no decorrer da época. No entanto, se tivesse acontecido triunfo do Faro e Benfica, ele seria justo, tal o equilíbrio evidenciado ao longo do encontro.

Anote-se o resultado: ao intervalo, 28-28; no final do tempo regulamentar, 53-53; no final do prolongamento, Faro e Benfica, 55 — Os Olhanenses, 57.

JUVENIS

TAÇA JOSÉ O'BRIEN DE OLIVEIRA

JOGO SEM HISTÓRIA

No encontro de juvenis, o jogo não teve história. Depois de um elucidativo 29-1 ao intervalo, a marca final de 61-26 reflecte a superioridade evidenciada por Os Olhanenses ante um Faro e Benfica animoso mas muito inexperiente.

Jogos para hoje: Nacional da 2.ª Divisão — Série A: Olhanense-CIF, às 21 horas, em Olhão. Juvenis: Taça José O'Brien de Oliveira: Olhanense-Faro e Benfica, às 15,30, em Olhão.

Jogos para amanhã: Nacional da 2.ª Divisão — Série A: C. Pescadores-CIF, às 16 horas em Portimão. Juniores: Taça José Tomás da Graça: Farense-Faro e Benfica, às 11, no Pavilhão de Faro.

Humberto Gomes

Jovens brasileiros visitam o Algarve

Chegam amanhã ao aeroporto de Faro os dois jovens estudantes brasileiros que foram galardoados com o prémio «Sacadura Cabral», instituído pela TAP e destinado a comemorar a travessia do Atlântico Sul. A deslocação ao Algarve concretiza uma sugestão do sr. Presidente da República, visitando os dois universitários brasileiros o Promontório de Sagres.

No aeroporto de Faro o Mauro Meireles de Oliveira Santos e a Iara Teles Lima serão cumprimentados pelo sr. Celestino Matos Domingues, membro da Comissão Executiva da Comissão Regional de Turismo e representante da TAP no Algarve. Aquele órgão regional de turismo distinguirá os jovens com a oferta de colecções de gravuras antigas do Algarve, lembranças regionais e um almoço em Sagres.

Vítimas de acidente de viação

Quando, de motorizada, se dirigia para Cachopo (Ameixial) terra de sua naturalidade, foi colhido por um automóvel o sr. José António Dias, casado, de 33 anos, agente da P. S. P., prestando serviço em Faro.

Conduzido ao Hospital da Misericórdia de Faro chegou ali já morto. Deixa um filho de tenra idade.

— Regressado há quatro meses do Ultramar, o trabalhador sr. Manuel Rodrigues Gomes, de 25 anos, solteiro, natural de S. Bartolomeu da Via Glória, Mértola, residente nos Salgados, morreu vítima de lamentável acidente de viação. O desastre deu-se no sítio do Rio Seco, nos subúrbios de Faro. O infortunado Manuel Gomes, seguia de motocicleta, e, ao pretender mudar de direcção, foi apanhado por um automóvel que rodava atrás de si. Teve morte imediata, e o óbito foi verificado no hospital de Faro. A. G. N. R., que tomou conta da ocorrência e procede a investigações para determinar as circunstâncias em que se registou o facto, ouviu o automobilista, sr. Tibério dos Santos Domingos Alves Pestana, residente em Faro.

Sem expansão não pode haver progresso no futebol algarvio

Muitos e instantes esforços tem realizado, de há anos a esta parte, o organismo distrital de futebol, para que a modalidade conheça autêntica expansão e sempre maior número de jovens se integrem na sua prática oficial. Para além do aspecto de representatividade, importa também salvar um resto do futebol não profissional, mas actividade de puro cunho desportivo. Infelizmente porém esses esforços nem sempre têm conhecido o melhor apoio e correspondência ou, o que é mais grave, raramente têm encontrado a resposta de uma presença com o índice desejado.

Uma série de circunstâncias ocorridas nos últimos tempos faz com que o assunto crie premente actualidade e determine uma chamada à realidade. Apostada a Associação de Futebol de Faro em fazer disputar o distrital de reservas, que constituiria como que o prelúdio do falado nacional de reservas, verificou-se que apenas três clubes — Farense, Esperança e Silves, — se haviam inscrito. Dada a exiguidade, a Associação não teve outro caminho que não fosse o de ficar pela boa intenção.

Em juniores, o Silves, com tradições na prova, desistiu do campeonato por carência de jogadores. Pergunta-se: será que não existem na histórica cidade e arredores, quinze jovens com idade de juniores, aptos à prática futebolística? Sinceramente, não acreditamos...

Em juvenis, apenas quatro das equipas não apuradas para a 2.ª fase (Silves, Lagos e Benfica, Louletano e São Luís) deram o seu «sim» para novo torneio.

Estaremos apostados em fomentar o futebol, ou em recorrer mais ao crédito bancário para aquisição de hipotéticas «estrelas»? — *J. L.*

ATLETISMO

Na sede da Associação de Atletismo de Faro encontram-se abertas as inscrições para um curso de juízes de atletismo a realizar durante este mês. Os interessados devem dirigir-se àquele organismo — Rua Brites de Almeida, n.º 32-1.º dt.º, em Faro.

Nos terrenos anexos ao Estádio de São Luís, em Faro, efectuam-se amanhã provas de preparação e expansão de corta-mato para todas as categorias. A iniciativa pertence à Associação de Atletismo de Faro, podendo competir atletas populares e filiados com mais de 9 anos.

Portugal estará presente no «Cross das Nações» com as equipas de seniores e de juniores. Entre os atletas pré-seleccionados figuram os algarvios Cidálio Caetano, Hélder Jesus e Carlos Cabral.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 828 — 3-2-973

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FARO

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que no dia VINTE E SEIS DE FEVEREIRO PRÓXIMO, pelas DEZ HORAS, à porta deste Tribunal, nos autos de carta precatória vindos do Tribunal da comarca de Mértola e extraídos da Liquidação do Activo na falência de LUÍS ANTÓNIO COSTA, de São Pedro de Sólis — Mértola, em que é requerente Miguel Ferreira Colaço Botelho, de Almodôvar, proc.º 10/C/72, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido superior ao indicado na deprecada, um veículo da marca «Ford» Cortina 1300» com a matrícula EC-45-67, apreendido ao falido e do qual se constituiu depositário Aníbal Guerreiro, casado, gerente da «Ford» em Faro.

Faro, 26 de Janeiro de 1973

Pelo Escrivão de Direito,

José Joaquim da Palma

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

(a) *Bernardo Guimarães Fischer de Sá Nogueira*

Vinho do Alentejo

Alta qualidade e graduação, vendo 500 000 litros branco e tinto em partes iguais e cerca de 6 500 litros de aguardente bagaceira sendo o vinho na base de 12° litro e a bagaceira na base de 20° litro.

Coop. Agrícola de Reguengos de Monsaraz, SCRL

Recebem-se propostas em cartas fechadas até 8 de Fevereiro próximo as quais serão abertas naquela data às 17 horas na sua sede social na presença dos proponentes e reserva-se o direito de não entregar os produtos se não convierem as propostas e proceder a leilão dos lotes no caso de haver muitos interessados.

NECROLOGIA

(Conclusão da 3.ª página)

Brito, D. Carolina dos Mártires Palma Brito e do sr. António dos Santos Brito.

— a sr.ª D. Engrácia da Conceição Martins, de 92 anos, natural de Boliqueime, mãe da sr.ª D. Rosa Martins Heleno e dos srs. José João, Albano, Joaquim e António da Conceição Martins.

— a sr.ª D. Felisbela de Jesus Assunção, de 62 anos, natural de Estômbar (Lagoa).

— a sr.ª D. Maria Josefa de Jesus, de 90 anos, viúva, natural de S. Bartolomeu de Messines.

— a sr.ª D. Albina Benedita Serafim, de 52 anos, natural de Castro Marim, casada com o sr. Manuel Abraão Rodrigues da Costa e mãe do sr. Fernando Manuel Serafim da Costa.

— a sr.ª D. Adélia Mariana, de 54 anos, natural de Martinlongo, casada com o sr. José António da Graça, mãe da sr.ª D. Deonilde Maria da Graça Castilho e dos srs. Francisco António da Graça e Manuel António da Graça.

— a sr.ª D. Maria dos Santos, de 87 anos, natural de Silves, mãe das sr.ªs D. Leontina dos Santos Ferreira e D. Margarida dos Santos Figueiredo.

— o sr. Francisco António Júnior, de 86 anos, natural de Mexilhoeira Grande, viúvo de D. Joaquina Rosa.

— o sr. Alfredo da Assunção, de 79 anos, viúvo, natural de Lagoa, pai das sr.ªs D. Julieta da Assunção Silva Dias, D. Ester da Assunção Ameixinha e dos srs. Luís da Assunção Silva e António da Assunção Silva.

— o sr. Raul Henrique da Silva Bernardino, de 48 anos, natural de Faro, contínuo do Sporting Clube Farense, casado com a sr.ª D. Maria do Rosário dos Santos Bernardino e pai do sr. Vítor Manuel dos Santos.

— a sr.ª D. Rosa Maria, de 59 anos, natural de Olhão.

— a sr.ª D. Maria Margarida Raminhos, de 79 anos, natural de S. Brás de Alportel.

— a sr.ª D. Julieta da Conceição Lourenço, de 78 anos, viúva, natural de Portimão, mãe das sr.ªs D. Rosa da Conceição, D. Fernanda do Carmo e D. Maria Odete da Conceição Lourenço.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve*, sentidos pêsames.

CARTAS À REDACÇÃO

Futebolistas algarvios dão que falar na Alemanha

Remscheid (Alemanha), 19 de Janeiro de 1973

Sr. director,

Quando ouvimos falar (bem) de Portugal e principalmente do Algarve, terra que nos viu nascer, foi, é, e sempre será motivo de orgulho e vaidade, mais ainda quando se está fora do nosso País, o patriotismo e a saudade fazem-nos reagir e pensar de uma maneira diferente.

Vem isto a propósito de termos emigrado para a Alemanha Ocidental há cerca de dois anos e virmos aqui encontrar (como não podia deixar de ser) um numeroso contingente de emigrantes naturais, tal como nós, de Vila Real de Santo António. E foi o caso de, ao aqui chegarmos, darem-nos a conhecer a existência de um clube de futebol de portugueses há pouco iniciado, que estava a disputar o campeonato da 3.ª classe, da Associação de Futebol de Remscheid, com o nome de Desportivo Português Atlântico.

Pois deste clube de futebol fazem parte, actualmente, cinco rapazes de Vila Real de Santo António, considerados pedras-base da equipa, quatro dos quais ainda há pouco tempo defendiam as cores do Lusitano. Dizer que o clube, após 16 jogos, só cedeu um ponto e consequentemente segue em primeiro lugar no respectivo campeonato, será por força da razão dizer que muito têm contribuído estes rapazes, para nos dar a imensa alegria e prazer de ouvirmos constantemente o nome da nossa terra nos lábios de todos os emigrantes portugueses aqui radicados.

Quem não está recordado, do Carlota, Cavém, João Silva (Salsinha) e do José Manuel Alves, que hoje teriam lugar no Lusitano se não tivessem emigrado? E ao nome deles pode-se também juntar o nome de mais um vila-realense, João Manuel Mira, este mais jovem e que actualmente não dá o seu concurso à equipa por estar fortemente lesionado.

É difícil este campeonato, pois têm e terão que lutar contra fortes equipas, mas estamos todos confiantes e esperançados na subida de divisão e para isso cá estão os citados algarvios que, com os seus colegas de equipa, formam um conjunto de futebol que muito está a dar que falar não só no meio emigrante português como em outros meios ligados ao futebol alemão.

Foi para falar deles que nos dispusemos a escrever estas linhas e, assim darmos a conhecer aos leitores do Jornal do Algarve *o que significa para todos os algarvios aqui residentes sabermos que o Algarve aqui está tão bem representado por estes cinco algarvios que, domingo após domingo, demonstram a força indomável de que estão possuídos, honrando e prestigiando o desporto da nossa terra.*

B. A.

Prédio-Vende-se em Vila Rea de Santo António

2 frentes — Rua Cândido dos Reis, 123 /Rua José Francisco Guimarães, 6.

Aceita ofertas. Respostas ao n.º 16 222 deste jornal.

Teatro em Alcantarilha

Em espectáculo organizado pela F. N. A. T. e Casa do Povo de Alcantarilha, o grupo cénico do CAT de Est. Teófilo Fontainhas Neto actua amanhã às 21,30 naquela localidade com a peça «Mar», de Miguel Torga.

Vende-se em Vila Real de Santo António

Duas moradias, na Rua do Brasil, 49, a 2 minutos do centro da vila, com 10 m. de frente e 23 de fundo.

Trata Humberto Martins — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 14-4.º Dt.º — LISBOA — Telefone 726217.

Portimão

Dr. José Castel-Branco, médico especialista, doenças do coração.

Consultas aos sábados, às 15 horas, na Rua Dr. Manuel de Almeida, n.º 2-3.º Esq.

JORNAL do ALGARVE

VENDE-SE

Camas tipo Americano e cadeiras e mesas de esplanada. Tratar com Restaurante Central, telefone 65230 — QUARTEIRA.

BRISAS do GUADIANA

ACHEGAS PARA A CELEBRAÇÃO DE UM DUPLO CENTENÁRIO

FALANDO há dias com pessoa amiga, que se interessa pelo progresso e acompanha os problemas locais, aludiu-se ao que irá ser a celebração do II Centenário da Fundação de Vila Real de Santo António, ocorrendo, na conversa, algumas ideias que nos parece oportuno reproduzir pelo interesse de que poderão revestir-se quando for elaborado o programa que em definitivo assinalará o acontecimento.

Disse-nos o nosso interlocutor saber que estava prevista a emissão de uma medalha alusiva, cujo estudo e encomenda fazia votos não demorassem, para não suceder o que há pouco se verificara com a do centenário do nascimento de um distinto poeta algarvio, que só surgira muito depois da altura própria. Disse-nos também que não ficaria mal um cortejo histórico do traje, num dos dias principais, ou a reconstituição da cerimónia da inauguração do obelisco, para o que poderiam ser pedidos à competente repartição de Lisboa os uniformes da época, sendo, como é, conhecido em pormenor o que se prende à referida cerimónia. Referiu-nos ainda que seria interessante, e talvez não difícil apresentar, por meio de gráficos, uma retrospectiva da vida de Vila Real de Santo António, desde a sua fundação, retrospectiva em que figurassem as indústrias principais da vila, através dos tempos, e organizar certames literários e poéticos que devidamente assinalassem a ocorrência.

Pela nossa parte, acrescentámos serem muitas as novas ruas vila-realenses que ainda não têm placa indicativa dos nomes respectivos, apresentando-se ilegíveis, ou em péssimo estado algumas placas das ruas antigas. Poderia, portanto, ser aproveitada a efeméride para uma renovação que neste sector se vem impondo, se possível com placas de azulejo, ou semelhantes, cujo desenho, atractivo, constituísse mais um motivo de interesse para a vila.

E mais pontos relacionados com o duplo centenário da Vila Pombalina foram abordados na nossa troca de impressões, na qual, por sinal, nos esquecemos de referir outra ideia que talvez fosse aproveitável e constituiria bom motivo de valorização para a ampla zona em que podia concretizar-se: nada mais, nada menos, que uma fonte luminosa, em local onde se visse que melhor resultava, nos jardins da Avenida da República. Não ficaria assim bem assinalado, no mais concorrido sítio da vila, um evento que se pretende tenha raízes duradouras e toda a possível projecção?

A PRAGA DOS GATOS EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

De um vila-realense que se nos identificou, recebemos a curiosa carta que a seguir reproduzimos, submetendo-a, deste modo, à ponderação de quem de direito:

Moro na Rua Camilo Castelo Branco, em Vila Real de Santo António, e gosto muito de gatos e cães, especialmente se são animais limpos e bem tratados. Não gosto é de vê-los vadiando pelas ruas ou telhados, sujos, fedorentos, pegados uns aos outros os cães, aos grupos de dez, doze ou mais atrás de uma cadela ou disputando entre si os restos de uma lata de lixo tombada, como se tornou espectáculo corrente.

Deste modo, compreender-se-á o meu estado de espírito ante a praga que me caiu em cima, ou melhor, ao lado, transmitida nem mais nem menos que pelos gatos da minha vizinha.

Esta vizinha, em certo sentido, é como eu: gosta de gatos e possìvelmente de cães. Mas a sua maneira de gostar dos primeiros em nada se parece com a minha, pois decidiu tornar-se protectora dos bichanos, possìvelmente sem saber sequer as normas por que se rege a prestante Sociedade Protectora dos Animais. A sua «protecção» exerce-se, de forma prática, no terraço da casa onde mora, que é, naturalmente, contíguo ao meu, onde os gatos protegidos, mais os primos, tios, sobrinhos, enteados, outros parentes, chegados ou não e até os amigos e conhecidos dos gatos e parentes, dispõem de «habitação», bastante rudimentar, ao que sei, mas que serve, na falta de outra. Dispõem também de algumas espinhas de peixe ou restos de comida, lá de longe em longe.

Conhecida a natureza acomodatícia dos gatos, calcular-se-á o número de habitantes, ou «hóspedes», que se alojam no terraço da vizinha. E sabendo-se que os gatos, como quase todos os bicharocos, nem sempre estão quietos e calados, nem a «dieta» a que a senhora os sujeita contribui para os manter em paz de espírito ou de estômago, far-se-á uma ideia do que por ali vai e do martírio a que venho sendo submetido.

É que os gatos, pese embora a boa vontade que a vizinha possa pôr nesse sentido, não querem saber do respeito que se deve à propriedade alheia, nem da vantagem e conveniência em não molestar o próximo. Daí as constantes sortidas ao meu quintal e, através deste, ao mais pequeno descuido, à cozinha, onde não pode ficar exposto qualquer alimento, que os gatos são de boa boca e nada rejeitam. E se a isto juntarmos a sujidade que os bichos (tantos bichos!) deixam atrás de si e por onde passam nas contínuas incursões, pensar-se-á em como estou bem «acompanhado».

Parece-me portanto razoável pedir aos jornais que nas suas colunas se façam eco deste estado de coisas, para que providências sejam tomadas antes que eu dê em louco ou pegue numa espingarda e me ponha a disparar sobre os gatos como quem atira aos coelhos em dia de abertura de caça.

Quem poderá valer-me na emergência? A Câmara, a Protectora dos Animais, a Comissão Venatória, ou ninguém? Para todos apelo, já que a minha vizinha nem quer ouvir as minhas reclamações, o que torna a situação intolerável, urgindo que ao assunto seja dada solução. — Um vila-realense quase assanhado.

S. P.

MONCARAPACHO NECESSITA DE ÁGUA

UMA das coisas que mais está a preocupar os quase 7 000 habitantes da secular freguesia de Moncarapacho, é, sem dúvida, o problema do abastecimento de águas. E tanto mais, quanto é certo que freguesias de muito menor importância sócio-económica, à sua volta, estão vendo esse problema resolvido satisfatòriamente e ali, apesar de todas as promessas que aos moncarapachenses vêm sendo feitas de há 20 anos para cá, nem sequer se vislumbra uma simples esperança de solução.

Desde sempre Moncarapacho tem lutado com falta de água potável, pois um só poço público, aliás suspeito de inquinação, abastece toda a aldeia, obrigando a população a procurá-lo diàriamente em trabalho penoso de carreto para os domicílios e obrigando até a «bichas» junto dele nos anos de poucas chuvas, em que a água escasseia na freguesia e esta tem de recorrer, toda ela, a esse mesmo poço. Bastariam estes factos para impor a construção urgente de um sistema de captação e distribuição domiciliária de águas, como já existe em povoações vizinhas menos importantes, como a Luz de Tavira e Santa Catarina da Fonte do Bispo; mas, parece que as entidades competentes do concelho de Olhão, a que Moncarapacho pertence, não o têm entendido assim e, embora prometendo sempre, o certo é que nada de positivo têm feito para resolver o problema.

Moncarapacho tem estado a comemorar o 5.º centenário da criação da sua freguesia com realizações que muito a prestigiam e dignificam. Não será esta uma oportunidade óptima para as entidades competentes se associarem a tais comemorações, dotando a aldeia com um sistema de abastecimento de águas que resolva o mais grave problema da população moncarapachense? Será verosímil e justo que uma freguesia com cinco séculos de existência e que tem dado tantos sinais de vitalidade, como as próprias comemorações centenárias evidenciam, e onde vivem e mourejam mais de meia centena de milhares de habitantes, continue a lutar com falta de água num tempo em que esta se considera por toda a parte como condição vital de existência?

O facto é ainda menos compreensível quando se verifica que o Governo considera prioritárias as obras de abastecimento de águas e se vêem os parcos recursos das autarquias locais responsáveis gastos em outras obras, só porque dizem respeito às sedes dos concelhos. Mas, então as populações das chamadas freguesias rurais não são gente? E no caso de Moncarapacho, como se concilia tal preferência pelas coisas da vila de Olhão com o facto de, no respectivo Regulamento das Construções Urbanas, se considerar sujeita a este toda a área concelhia, portanto também as povoações rurais? Será que a aldeia só é *urbana* para pagar taxas e licenças e não para ter os direitos correspondentes?

Moncarapacho precisa de água para *viver;* Moncarapacho pede água para *sobreviver;* Moncarapacho, cremos bem, tem todo o direito a que satisfaçam urgentemente esta sua *necessidade vital,* mesmo que com prejuízo de algumas *superfluidades* de outras áreas do concelho, incluindo a vila de Olhão.

P. N.

Vende-se

Uma propriedade com área de 56 100 m2. que confina com o povo, no ponto mais alto destas redondezas, donde se desfruta esplêndido e vasto panorama. Tem moradia e quinteiro que possui 6 cavalos, arreios e um veículo «Land» e vende tudo podendo ficar como tratador dos cavalos.

Tratar com Eurico S. Patrício — Armação de Pêra, telef. 55186.

VOZ DOS CAMPOS

coordenado por António Gomes Firmino

(de Rádio Rural, programa da Emissora Nacional)

OS GRÉMIOS DA LAVOURA E AS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS

Como complemento da acção dos Grémios da Lavoura, reconheceu-se a necessidade de intensificar a criação de cooperativas agrícolas. Considera-se que no campo económico os objectivos dos Grémios só poderão ser plenamente atingidos quando a estrutura principal, constituída por aqueles organismos, for completada por uma rede de cooperativas que estabeleça mais íntima ligação dos interesses dos agricultores e modifique e aperfeiçoe os seus processos de trabalho.

Na verdade, as cooperativas agrícolas como organismos especializados que são, permitem em determinadas circunstâncias, a melhor solução dos problemas que afectam as actividades diferenciadas dos agricultores. Estão neste caso, por exemplo, as actividades relacionadas com os lacticínios, os vinhos, o azeite, as frutas, e algumas outras.

HÁ QUE CUIDAR DOS CITRINOS

A fumagina ou ferrugem dos citrinos é doença que se manifesta por um revestimento superficial das folhas, frutos e ramos com o aspecto de fuligem e vive e desenvolve-se à custa da melada, ou seja, da matéria açucarada liberta pelas cochonilhas e pelos afídeos que, com frequência, atacam os citrinos. A presença da fumagina é altamente prejudicial, impedindo que o crescimento das árvores e a produção sejam normais e desvalorizando, comercialmente, a fruta.

De uma maneira geral, quando o combate às cochonilhas e piolhos é bem conduzido e efectuado todos os anos, reduz-se, ou elimina-se mesmo o aparecimento da melada e, consequentemente, o desenvolvimento da fumagina. No entanto, sempre que a fumagina tiver de ser combatida directamente, pode utilizar-se calda bordalesa a 1% ou a calda de oxicloreto de cobre com 50% de cobre metal, na percentagem de meio por cento. Como é sabido, estas caldas cúpricas são também as que mais se usam para combater o míldio dos citrinos.

Porque os tratamentos contra o míldio são de carácter preventivo, e por isso terão de ser feitos, mensalmente, de Novembro a Março, ao efectuá-los, combate-se, simultâneamente, o míldio e a fumagina.

Daqui se poderá concluir que, normalmente, as árvores não apresentam fumagina quando são cuidadosamente tratadas, todos os anos, contra as cochonilhas, os piolhos e o míldio.

UM MEIO DE PROMOÇÃO

Para informações acerca da forma de obter, por empréstimo, filmes tratando assuntos agrícolas, destinados a sessões de estudo ou simplesmente recreativas, devem os interessados dirigir-se ao Serviço de Informação Agrícola, da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, na Avenida António Augusto de Aguiar, n.º 104-7.º, em Lisboa.

UMA DAS VANTAGENS DAS NITREIRAS

Os estrumes caídos directamente na terra, ou incompletamente fabricados, são fácil meio de disseminação de parasitas e, por conseguinte, uma possível causa de doenças nos animais. Evite este inconveniente, construindo nitreiras.

O piloto brasileiro Emerson Fittipaldi, novo campeão do mundo de condutores, acumula êxitos sobre êxitos. Ei-lo num treino, ao volante do seu carro.

VELHOS USOS DE ALCOUTIM

por Luís Cunha

DESAPARECEU há anos uma interessante praxe a que obedeciam os casamentos camponeses de Alcoutim. Com vista a assistir a todos os ritos de um que se realizava a rigor nos primeiros anos da década de vinte, para o qual éramos convidado do noivo, fomos para o monte de Corte das Pereiras na véspera à tarde. Os convidados, dele e dela, formavam em separado, como se fora luta entre bandos: quem sabe se disso não haveria reminiscência?

Ao cair da noite, o grupo de que fazíamos parte reuniu numa taberna e o outro noutra. A lareira, uns cavaqueavam relembrando peripécias passadas; ao lado disputava-se o cálice de aguardente em renhida partida de «truco» (jogo de cartas, segundo parece, de paternidade algarvia mas que a juventude desconhece), e já alegrotes, alguns entravam a versalhar.

Assim se fez a fria noitada, até o alvorecer. Pouco antes do romper do sol o grupo abalou, pé ante pé, no mais completo silêncio como quem vai a assalto ou a pilhar galinhas. Do outro grupo nem rastos. No mesmo silêncio chegámos a casa da noiva, onde um homem se destacou, batendo ao de leve sem resposta; insistiu com um pouco mais de força mas o resultado foi o mesmo, e por fim, quase violentando a porta e praguejando que aquilo mais parecia cemitério, excitou uma voz de dentro que, indignada, acusava o desacato a tais horas e inquiria o que se pretendia.

Travou-se em seguida interessante debate em verso que estamos agora a lamentar não ter escrito: dizendo-se procurador de outrem, o de fora tecia-lhe extraordinário panegírico, com exaltação das virtudes do bom tom local, habilidade inexcedível nisto e naquilo, homem às direitas em tudo o mais, o lavrar sem lobas (curvas nos regos da lavoura atribuíveis a fraqueza de pulso) e ao qual parelha alguma meteria medo, etc., etc.

Sem se deixar impressionar, o de dentro, também em verso, cortava-lhe de quando em quando a verve: que tinha bem entendido tudo mas que à rosa que ali guardava a bom recato não bastava o já dito e que apresentasse outras virtudes do pretendente, se a isso se supunha com direitos. Com trocadilhos de cá e de lá e risota geral, a versalhada continuou até o dia romper.

Simulando surripiar-se, o noivo foi para as traseiras e enquanto procedia ao rapto da bem-amada, a barulheira aumentava dos dois lados. Para felicidade do jovem casal, a noiva devia ser por ele tirada a pulso, por uma janela térrea, sem tocar com os pés no parapeito.

De súbito, rompeu de dentro medonho escarcéu, com pedidos de socorro e rebate a ladrão. A rosa fora roubada!

Seguido por todos os outros, o jovem par fugia no mesmo cavalo, a caminho da vila, a cuja entrada parou para se formar o cortejo, como o de qualquer outro casório.

Para contar um velho uso que só por tradição conhecemos, abrimos agora aqui um grande parêntesis: em tempos antigos, só à terceira tentativa do padre e depois de ostensivamente muito espicaçada pela madrinha, a noiva dava o sim; de contrário, dir-se-ia estar a rebentar por casar, o que não ficava bem. Porém, um belo dia, como a noiva não respondesse à primeira, o padre António, sem mais aquelas, mandou-os ter juízo e que voltassem daí a oito dias. Escapou-se para a sacristia e o pior é que encasmurrou e nem todos os rogos e amizades da vila conseguiram demovê-lo. Consta ter sido aquela a última vez que tal prática se usou, pois daí em diante, ainda o padre não abria a boca e já tinha a resposta adiantada.

Voltando ao casório: depois das formalidades da vila, formou-se à saída o processo de regresso: a gente nova alinhou para a «fogaça» que consistia numa prova de perícia em que, partindo os concorrentes ao mesmo tempo, ganhava o que, chegando em primeiro lugar ao monte, se apossava do «bolo» que depois oferecia ao noivo para partir. Cuida-se que isto simbolizaria a virgindade da nubente.

Por fim, a orgia da jantarada de borrego guisado, bem regada, acompanhada de baile ao toque de gaitinha de beiços e que não raro acabava em pauladas.

Foi um interessante elemento perdido do folclore regional e que faria bom número na campanha turística.

Faro, 11 de Janeiro de 1973

O chefe do distrito visitou as instalações do Sport Faro e Benfica

Revestiu-se de interesse a visita que o eng.º Américo Lopes Serra, governador civil substituto, em exercício, efectuou ao Sport Faro e Benfica, das mais antigas e prestigiosas agremiações desportivas do Algarve.

O eng.º Lopes Serra era aguardado no posto náutico, onde recebeu os cumprimentos de dirigentes e sócios da colectividade. Depois visitou a sede social, onde decorreu uma sessão de boas vindas em que falaram os srs. prof. António Joaquim Gil, presidente da assembleia geral e Jorge Arrais, dirigente do Sport Lisboa e Benfica, que para o efeito se deslocou expressamente à capital algarvia. O prof. Gil fez entrega de um emblema do clube em ouro e brilhantes ao eng.º Lopes Serra, que agradeceu a atenção e teve palavras de apreço para o ecletismo do Faro e Benfica e de exaltação para a causa desportiva.

Seguiu-se uma sessão de trabalhos em que foram analisados os projectos do clube e sua acção em prol da juventude farense. O chefe do distrito concedeu importante subsídio e prometeu todo o apoio para a satisfação das aspirações da colectividade.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve

....E TAMBÉM

Hotel Garbe
ARMAÇÃO DE PÊRA

FOI PINTADO COM TINTAS
EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve
«ESTANTARTE»
REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.
Rua Abóim Ascensão, 64
Telef. 24787 FARO

ORTENCO
Centro Téc. de Contab. Mecanizada, Lda.
EXECUÇÃO DE ESCRITAS (Técnicos inscritos na D. G. C. I.)
Agência da Companhia de Seguros «Ourique» (FOTOCÓPIAS)
R. Dr. Francisco Gomes, 47 — Tel. 290 — Vila Real de Santo António

TODA A SORTE
na
CASA DA SORTE
que vendeu a semana finda aos seus balcões
MAIS UMA VEZ
Todos os Prémios Grandes
2 SORTES GRANDES
28727--4 900 Contos
2 Segundos Prémios
9 613 — 490 Contos
2 Terceiros Prémios
24 184 — 280 Contos

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE: O melhor sortido encontram V. Ex.as na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 6 28 82 — Lagos — Remessas para todo o País